



Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

UC/FPCE_2012

Cônjuges com e sem filhos. Diferenças e semelhanças na percepção da conjugalidade.

Ângela Maria Marques Lourenço
(e-mail: lourenco_angela07@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia na Área de Especialização em Psicologia Clínica e Saúde, Subárea de Especialização em Sistémica, Saúde e Família sob a orientação da Professora Doutora Madalena de Carvalho

Cônjuges com e sem filhos. Diferenças e semelhanças na percepção da conjugalidade.

Resumo: O presente estudo tem como principal objetivo analisar em que medida a existência de filhos influencia a percepção da conjugalidade, nomeadamente ao nível do ajustamento e do funcionamento conjugal. Consideraremos também as variáveis etapa do ciclo vital do casal, meio de residência e o nível de habilitações literárias, que acreditamos poder funcionar como variáveis moderadoras. Para esta investigação utilizámos a Escala de Ajustamento Mútuo (EAM), e a Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (ENRICH).

Da comparação de duas subamostras, cônjuges sem filhos (n=84) e cônjuges com um ou mais filhos (n=84), salientamos a influência da presença de filhos no decréscimo da percepção da satisfação mútua, tal como avaliada pela EAM, na maior aceitação das características de personalidade do parceiro e no aumento da satisfação, de acordo com a definição da ENRICH. As variáveis etapa do ciclo vital do casal e habilitações literárias assumiram um papel importante na influência relativa à variabilidade dos resultados considerados estatisticamente significativos.

Este estudo visa motivar novas leituras e conclusões relativas ao estudo dos casais sem filhos, impulsionando a necessidade de novos estudos em que se diferenciem casais sem filhos por opção e casais com infertilidade.

Palavras-chave: cônjuges sem filhos, conjugalidade, ajustamento conjugal, funcionamento conjugal.

Childless spouses and spouses with children. Differences and similarities in the perception of conjugality?

Abstract:

The present study aims to analyse what extent the existence of children influence in the perception of marital relationship, particularly in terms of adjustment and marital functioning. We also consider variables such as the stage of the couple life cycle, place of residence and level of qualifications, which we believe could serve as moderator variables. For this

study we used the Mutual Adjustment Scale (MAS) and the Scale of Marriage Enrichment and Development, Communication and Happiness (ENRICH).

By comparing two subsamples, childless spouses (n= 84) and spouses with one or more children (n=84), we underline the influence of the presence of children in the decreased perception of mutual satisfaction, as assessed by the MAS, the greater acceptance of the characteristics of the partner and the greater perception of satisfaction, as the definition of the ENRICH. Variables such as the stage of the couple life cycle and qualifications played an important role in the influence on the variability of results were considered statistically significant.

This study aims to encourage new perspectives and conclusions on the study of couples without children, driving the need for new studies that differentiate option for childless and couples with infertility.

Key Words: childless spouses, conjugality, marital adjustment, marital functioning.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à Doutora Madalena de Carvalho, pelos seus comentários pertinentes que me permitiram a realização desta dissertação;

Agradeço ao Doutor Tiago Paredes, pela disponibilidade e ajuda essencial para a uma melhor compreensão dos procedimentos estatísticos;

Um agradecimento especial a todos os sujeitos que amavelmente participaram nesta investigação pois sem eles nada disto seria possível;

Não posso esquecer a minha família, e para ela um agradecimento muito especial, principalmente aos meus queridos pais Carlos Lourenço e Clara Pereira, sem eles nunca teria chegado onde cheguei. Muito Obrigada pelo imenso esforço que fizeram para me permitirem seguir o meu sonho e finalizar o meu curso.

Um agradecimento muito especial ao meu namorado, Micael Gomes, pela motivação, pelo carinho e pela compreensão que me permitiu enfrentar os momentos mais difíceis.

Por fim, mas não menos importante, um muito obrigado aos meus avós, Gracinda Campines e Joaquim Lourenço, que embora já não se encontrem fisicamente comigo, sempre me incentivaram a correr atrás dos meus sonhos, a ser um dia “a sua doutora”. Muito Obrigada, devo-lhes muito daquilo que sou.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	2
1. Um conceito de Família	2
2. O Ciclo Vital do Casal	5
3. E quando os casais decidem não ter filhos?	7
4. Quais os benefícios de um casal sem filhos numa relação conjugal? – Evidências empíricas	8
5. Não ter filhos é a solução?	14
II – Objetivos	14
1. Objetivo Geral	14
2. Objetivos específicos	15
III – Metodologia	15
1. Modelo Conceptual	15
2. Caracterização da amostra	16
3. Instrumentos	20
4. Procedimentos de investigação	22
5. Procedimentos Estatísticos	23
5.1. Características psicométricas dos instrumentos	23
5.2. Normalidade e Homogeneidade	24
5.3. Tratamento dos dados	24

IV – Resultados	25
1. A presença de filhos influencia o ajustamento e funcionamento dos casais e a relação conjugal, no conjunto dos seus domínios?	25
2. O ajustamento e funcionamento dos cônjuges são influenciados pela existência de filhos quando controladas as variáveis concomitantes, ciclo vital do casal, meio de residência e nível de habilitações literárias?	28
V – Discussão	34
1. Será a inexistência de filhos um fator protetor do ajustamento e funcionamento conjugal?	34
2. O que dizer da influência das variáveis concomitantes?	40
3. Limitações do estudo	42
VI – Conclusões	43
Bibliografia	46

Introdução

A ideia que comumente se defende de família, que esta só existe quando se dá o nascimento do primeiro filho, continua ainda muito presente na nossa sociedade. Ainda são muitos os casais que sofrem a pressão da sociedade para que a sua relação dê “frutos”. Contudo essa realidade tende a mudar.

Na sociedade portuguesa, e na sociedade em geral, é cada vez maior o número de casais que optam por não ter filhos. Não podemos esquecer, de modo algum, a contingência de crise económica atual, que contribui para que a estabilidade financeira dos casais se atinja mais tardiamente podendo ficar decisões, como o nascimento dos filhos, adiadas. Por outro lado, os maiores níveis de literacia por parte da população, e a necessidade e vontade individual de investir numa carreira profissional, parecem também levar à decisão pela permanência sem filhos.

O facto de esta decisão parecer constituir um fator protetor da conjugalidade motivou a realização do nosso estudo. Sendo cada vez maior o número de casais sem filhos parece importante refletir sobre as influências que isso trará para a conjugalidade.

Para isso, definimos como objetivo geral deste estudo a averiguação da influência da presença de filhos na perceção do ajustamento e funcionamento conjugal dos sujeitos, casados ou em união de facto. Devido à influência reconhecida das variáveis sociodemográficas, *habilitações literárias e meio de residência*, tão bem como a variável conjugal *etapa do ciclo vital do casal*, decidimos inclui-las nas análises como variáveis concomitantes.

Partimos na expectativa que, tal como evidenciado na literatura, os *cônjuges sem filhos* pudessem representar uma variável protetora do funcionamento e ajustamento conjugal, nomeadamente ao nível da satisfação conjugal. Acreditamos que, havendo poucos estudos em que o objetivo se centre na perceção dos cônjuges sem filhos relativamente aos cônjuges com filhos, na população portuguesa, este estudo exploratório possa contribuir para uma melhor compreensão dos cônjuges portugueses, abrindo assim, novas possibilidades de leitura e compreensão deste fenómeno.

I – Enquadramento conceptual

1. Um conceito de Família

“Na Idade Média (...) a família era encarada como um círculo. Nas palavras de Saraceno «o parentesco exprime uma descendência, uma pertença e um controlo (...) ou se está dentro e é-se meu, nosso, ou se está fora e é-se alheio»” (Sousa, 2010, p. 101)

Parece fácil para todos nós falarmos sobre a família. Afinal quem não sabe o que é a família? Todos se atrevem a dar o seu palpite. Se todos nós nascemos no seio de uma família é óbvio que conseguimos dizer o que ela é e representa. São muitas as definições que ouvimos e cada indivíduo pode construir a sua. Basta perguntar a um amigo, *“O que é a família?”*, que ele rapidamente constrói a resposta - *“Então a família é a nossa família. São aquelas pessoas que estão à nossa volta, que cuidam de nós, que são do nosso sangue. São o pai, a mãe, os avós, netos, irmãos, tios, primos...”*. Outros dizem simplesmente *“A família é a família!”*.

Para entendermos uma definição científica de família é importante que comecemos por explicar o que é um sistema. O sistema que é descrito por Von Bertalanffy como *“um conjunto de unidades em inter-relações mútuas”*, nas palavras de Gameiro (1992) trata-se de *“um conjunto ativo, estruturado, evolutivo que se define em função das diferenças que apresenta na relação com o contexto em que vive e nas finalidades que constituem a sua razão de existir (...) um todo que está para além das partes”* (p.20). Olhar para o sistema desta forma holística permite que não percamos os seus atributos, isto é, os comportamentos comunicacionais e relacionais entre os subsistemas criados pelas interações dos indivíduos que os constituem.

Olhando novamente para a família, também conseguimos identificar na sua composição indivíduos, os seus atributos e relações. Além disso, verificamos que nela estão contidos diferentes subsistemas, nomeadamente, o individual, como o nome indica constituído pelo próprio indivíduo, que possui não só as suas funções e papéis na família mas também noutros sistemas (Alarcão, 2006); o conjugal, que de forma simples podemos

explicar como sendo composto pelo marido e a mulher, que têm a “complementaridade e a adaptação recíproca como elementos importantes de funcionamento” (*idem*, 2006, p.55); o subsistema parental, que normalmente é constituído pelo pai e mãe. No entanto, pode ser constituído por outros elementos da família, sendo que a sua função é a de educação e proteção das gerações mais novas (*idem*, 2006). O subsistema fraternal é composto pelos irmãos, sendo visto como um espaço de “socialização e experimentação de papéis face ao mundo extrafamiliar”, permitindo que estes desenvolvam competências de relacionamento interpessoais (*idem*, 2006, p.56). Para além de conter estes subsistemas, a família está também rodeada e contida por outros sistemas (p.e. escola) ou suprassistemas (sociedade), que se encontram ligados de forma hierárquica e organizada (*idem*, 2006). A família possuiu limites e fronteiras que se consideram essenciais para definir que informação passa entre os subsistemas da família e os outros sistemas, e regular quem faz ou não parte deles. Estes limites permitem uma diferenciação dos subsistemas da família, e a própria diferenciação da família do meio envolvente (Alarcão, 2006).

Dadas estas características da família, é possível defini-la como “um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém um equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados” (Sampaio & Gameiro, 1985, em Alarcão, 2006). E olhá-la como um todo, maior que a soma das suas partes, como evidencia a definição de Gameiro, que vê a família como “uma rede complexa de relações e emoções na qual se passam sentimentos e comportamentos que não são possíveis de ser pensados com os instrumentos criados pelo estudo dos indivíduos isolados” (1992, p.187). Esta visão holística permite também compreender a família como um organismo vivo com características únicas e particulares, que lhe configuram um carácter de unificação e pertença (Relvas, 1996).

Tal como descrito na definição de Sampaio e Gameiro (1985, em Alarcão, 2006), a família mantém o seu equilíbrio através de um processo de cariz desenvolvimentista, a que se dá o nome de *Ciclo Vital da Família*. Esta “carreira da família” (Relvas, 1996) exige que sejam cumpridas algumas tarefas desenvolvimentais que estão interligadas não só com as

características de cada elemento do sistema, mas também com as normas e valores sociais que visam a promoção de um desempenho adequado das tarefas que vão dar continuidade à família (Relvas, 1996). Tendo em conta um carácter mais funcionalista da família, é de notar que esta tem como tarefas básicas para a evolução “a criação de um sentimento de pertença ao grupo e a individualização/autonomização dos seus elementos” (Relvas, 1996, p.17). Estas tarefas são coincidentes com o ponto de vista de Ausloos de que a família está em constante evolução (estrutural e organizacional), sendo que na sua base está a individuação dos seus elementos (1996, em Relvas, 2000). O ciclo vital da família é constituído por um conjunto de estádios com diferentes objetivos, tarefas e desafios com uma sequência de transformações previsíveis. Relvas (1996) propõe o seguinte ciclo vital da família: 1ª etapa – Formação do Casal¹; 2ª etapa – Família com filhos pequenos; 3ª etapa – Família com filhos na escola; 4ª etapa – Família com filhos adolescentes; 5ª etapa – Família com filhos adultos (*empty-nest*).

Esta proposta é diferente da de Mónica McGoldrick e Elizabeth Carter (1995), que defendem que o primeiro estádio do ciclo vital da família começa ainda antes da formação do casal, na fase que precede o casamento na qual o jovem adulto tem como tarefas: diferenciar-se face à família de origem, desenvolvimento de relações íntimas com um parceiro e o estabelecimento de uma identidade no mundo laboral. A maior parte dos autores define a formação do casal como a primeira etapa do ciclo vital da família (Duvall, Hill & Rodgers, em Relvas, 1996). Com o casal surge uma nova família nuclear. Nas palavras de Relvas “o casal surge quando dois indivíduos se comprometem numa relação que pretendem que se prolongue no tempo” (1996, p.51). De notar que neste estudo empírico não serão valorizadas questões “legais” referentes ao casamento. O termo união de facto será referido como tendo a mesma conotação. Atualmente é cada vez maior o número de casais que residem em união de facto, sendo por isso esta configuração considerada uma “nova forma de família” (Relvas & Alarcão, 2007). Tal situação deve-se a diversas alterações na conceção de família, ao aumento da idade de casamento, ao respeito pela liberdade individual, à transformação do papel da mulher na sociedade (*idem*, 2007), e à liberdade

¹ Tendo em conta os objetivos deste estudo empírico só esta etapa do ciclo vital da família vai ser abordada.

para dizer não a “na alegria e na tristeza, até que a morte nos separe”.

Não é possível separar o casal em dois indivíduos. Tal como disse Caillé, “um e um são três” (1994), respondendo à dificuldade de encarar o casal como *diáde* (Relvas, 1996). Quando pensamos em casal não podemos esquecer o indivíduo e as suas características pessoais, sejam elas de personalidade, gestão de afetos, resolução de conflitos, gestão financeira, atitudes perante a sexualidade e necessidade de autonomia (Lourenço, 2006). Para além destas características pessoais, os casais trazem consigo as vivências familiares, os padrões geracionais, as recordações dos modelos conjugais e parentais da família de origem. Estas características terão de ser negociadas e pensadas com o parceiro de forma a criar o seu próprio modelo conjugal. Alarcão refere que “quanto mais diferenciado e autónomo este modelo estiver do dos nossos pais mais probabilidades teremos de nos apropriarmos dele e de, num registo de autoconfiança, o negociarmos com o nosso cônjuge, criando, então, um terceiro modelo que será o da nossa conjugalidade real” (2006, p.118).

2. O Ciclo Vital do Casal

Tal como na família, também o subsistema conjugal tem o seu próprio processo desenvolvimental, o *Ciclo Vital do Casal*, que evolui através de transformações de vários níveis. Os cônjuges passam por mudanças simultâneas à evolução da família, designadamente alteração dos papéis familiares ligados aos desafios de cada etapa do ciclo vital familiar, desde a chegada à partida dos seus filhos, mudança dos papéis profissionais, alterações económicas, e a própria maturação dos cônjuges. Devido a esta complexificação do sistema conjugal, o ciclo vital do casal é importante para a compreensão das dinâmicas e dificuldades do casal ao longo dos anos (Hill & Mattessich, 1979, Floyd & Haynes, 1997, em Lourenço, 2006).

DeFranck-Lynch (1985) propõem três etapas do ciclo vital do casal:

1ª Etapa – Estádio de fusão: pode alongar-se até aos dez primeiros anos da conjugalidade. É nesta fase que deve acontecer a negociação do “nós”, o terceiro elemento (Eu, Tu, Nós). “A tarefa consiste na fusão de dois indivíduos num só sistema” (Relvas, 1996, p.70). Esta fusão supõe movimentos centrípetos, e de fecho relativamente ao exterior, nomeadamente com a família de origem, família alargada e amigos (Alarcão,

2006). Por volta do terceiro ano de casamento, a ambivalência é o sentimento presente na relação conjugal, embora a intimidade seja maior, persiste a dúvida de “Será esta a pessoa certa?” (Relvas, 1996, p.70). A fusão definitiva surge por volta dos sete anos, a complementaridade torna-se o modelo comunicacional dominante, essencial para a resolução de conflitos (Relvas, 1996; Alarcão, 2006).

2ª Etapa – Estádio da autonomia: por volta dos dez a doze anos da relação conjugal surge a constatação da rotina, do aborrecimento, é feito um balanço pessoal sobre as perdas e renúncias em detrimento do casamento (Relvas, 1996). É o retorno ao “tu” e ao “eu” em consonância com a chamada crise “dos quarenta”; os filhos vão adquirindo a sua autonomia, o casal retoma a consciência da relação, há uma reflexão em torno da idealização do casamento e surge a vontade de retomar o tempo “perdido”.

3ª Etapa – Estádio de empatia. Nas palavras de Relvas, uma designação enganadora que pode sugerir o fim de um processo que nunca é concluído pois o casal está em permanente descoberta (1996). Surge quando os casais já levam cerca de vinte anos de vida em comum. Esta pode ser uma etapa de aceitação do si mesmo e do parceiro e em função disso as críticas negativas deixam de fazer parte da relação. Há uma aceitação das vulnerabilidades do outro (Relvas, 1996; Lourenço, 2006).

Para o nosso estudo iremos usar o modelo proposto por Lourenço (2006), que defende a existência de uma etapa de “idealização”, que acontecerá nos primeiros três anos de casamento, caracterizada por um sentimento de união, em que se valorizam as semelhanças e a fusão e dependência dominam. Entre os quatro e os dez anos, teríamos a fase “do estremecimento ao terramoto”, com duas subfases. Dos quatro aos sete dá-se o “estremecimento” da conjugalidade; esta fase parece muito importante para o ajustamento conjugal, sendo conservadas as dimensões do consenso mútuo e expressão afetiva (Lourenço, 2006); entre os oito e os dez anos, concretiza-se o “terramoto”, caracterizado pelo afastamento dos cônjuges. Supõe-se que a fase da “empatia ou reaproximação” acontecerá entre os onze e os dezanove anos de vida em comum, existindo uma maior aceitação dos aspetos que são considerados menos positivos no cônjuge, sendo valorizadas as diferenças, o que parece levar a uma reaproximação do casal, “a relação é aceitável e viável” (Lourenço, 2006, p. 245). Entre os 20 e os 27

anos de relacionamento a fase do “questionamento”, marca o fim da reaproximação e maior satisfação e felicidade conjugal. Parece existir um aumento das dificuldades conjugais que deixam o casal mais suscetível para o desajuste mútuo e necessidade de mudança na sua vida. Coloca-se ainda a hipótese de uma fase de “companheirismo”, a consolidar-se entre os 27 e os 29 anos, na qual o casal aceita as diferenças e percebe que o seu cônjuge não tem de ser a pessoa perfeita (Lourenço, 2006).

Mas, a formação do casal é sempre uma das etapas mais importantes, pois marca o início da nova família, e tem como principais funções o estabelecimento de um modelo conjugal próprio, clarificação de limites e fronteiras com os outros sistemas e desenvolvimento de comunicação funcional; assegurar a expansão da família a novas gerações, sendo que o “casal é parceiro do par parental” e o subsistema conjugal serve de modelo de identidade sexual, conjugal e romântica dos filhos, que um dia irão criar uma nova família (Alarcão, 2006, p.129; Lourenço, 2006).

3. E quando os casais decidem não ter filhos?

“Na idade média, o matrimónio (casamentum, matrimónio) e a filiação constituem os pilares fundamentais da estrutura do parentesco e são, portanto, os sustentáculos de qualquer rede de parentesco” (Sousa, 2010, p.108).

Voltando novamente à questão, “O que é a família?”, raramente ouvimos dos nossos amigos ou familiares “É o casal”, mas mais frequentemente ouvimos dizer a um casal sem filhos “Quando é que formas família, para quando um bebé?”.

No entanto, o número de casais sem filhos tem aumentado ao longo dos anos. Os últimos dados relativos a 2011 mostram que em Portugal existiam 903,157 mil agregados de família sem filhos (Pordata, 2012).

Falamos em “novas formas de família” (Relvas & Alarcão, 2007), que estão cada vez mais presentes na nossa sociedade, e dizem respeito não só às famílias sem filhos mas também às famílias em união de facto, famílias monoparentais, famílias adotivas, famílias reconstituídas, famílias homossexuais, famílias comunitárias, sendo que continuam a surgir novas configurações de família. Entenda-se que “novas formas de família” dizem respeito a esta diversidade de “configurações familiares distintas da família

nuclear tradicional e da família de três gerações” (Alarcão, 2006, p. 204), fazendo-nos por isso compreender o ciclo vital familiar de forma diferente, uma vez que este estava pensado apenas para a família nuclear intacta.

Do que nos foi dado a perceber, ainda não há estudos sobre o ciclo vital das famílias sem filhos, no entanto, pensa-se que as mudanças desenvolvimentais estão relacionadas com as evoluções e transformações profissionais e pessoais dos adultos (Alarcão, 2006). Na base deste aumento de casais sem filhos parecem estar variáveis como: o reconhecimento da mulher no mercado de trabalho, a maternidade passar a ser uma opção da mulher (Maldonado, 1989, em Rios & Gomes, 2009); igualdade de género; os casais investirem o seu tempo na carreira profissional; muitos acreditam que não seriam bons pais; preferirem ter convivência com adultos. Mas existem também variáveis ligadas a outras dimensões da conjugalidade. Há casais que desejam manter a intimidade da lua-de-mel, as atividades de lazer e tempo a dois; preferem a liberdade para viajar ou tomar decisões sem precisar refletir, em detrimento da parentalidade (Papalia, 2000, Olds, 2000, em Rowe & Medeiros, 2012).

4. Quais os benefícios de um casal sem filhos numa relação conjugal? – Evidências empíricas

Tendo em conta o crescendo de famílias sem filhos, parece pertinente compreender de que forma esses cônjuges percecionam a relação conjugal nas suas diversas dimensões.

É importante compreender a perceção que os casais têm da sua relação uma vez que esta diz respeito aos “aspetos de informação disponível numa situação nos quais um indivíduo repara e enquadra em categorias que lhe são significativas” (Baucom & Epstein, 1990, em Narciso & Ribeiro, 2009). Este processo é muito importante uma vez que contribui para uma melhor gestão das relações, visto que estas dependem da interpretação, compreensão e previsão correta do comportamento do parceiro (Baucom & Epstein, 1990, em Narciso & Ribeiro, 2009; Forgas, 1985).

Alguns dos estudos parecem revelar efeitos positivos da ausência de filhos na relação de casal, nomeadamente na satisfação.

O ajustamento conjugal diz respeito aos processos comportamentais adotados, num *continuum*, pelo casal ou cônjuge de forma a alcançar uma

maior satisfação na sua relação (Bali, Dhingra & Baru, 2010). Para outros autores o ajustamento conjugal não é o mesmo que a satisfação conjugal (Beach & O’Leary, 1989, em Lourenço, 2006). Na base da *Dyadic Adjustment Scale (DAS)*, está a definição de ajustamento dático como “um processo de movimento ao longo de um *continuum* que pode ser avaliado em termos de proximidade a bom ou pobre ajustamento” (Spanier, 2001, p.23, em Lourenço, 2006).

Há ainda autores que definem a qualidade conjugal como uma medida variável semelhante ao ajustamento conjugal que, por sua vez, tem a satisfação conjugal como uma das suas dimensões (Spanier, 2001, em Lourenço, 2006).

A avaliação da satisfação será sempre uma medida subjetiva e muito pessoal da relação conjugal (Narciso & Ribeiro, 2009) e que não deve ser confundida com qualidade conjugal, que se trata do “desempenho da e na relação”, podendo esta ser avaliada por um observador externo, através da definição de critérios resultantes de estudos empíricos e teorias desenvolvidas previamente (Narciso & Ribeiro, 2009).

De forma a perceber que fatores influenciam a satisfação conjugal vejamos o Modelo Integrativo de Whisman (1997). Este modelo indica que a satisfação é percebida como maior ou menor tendo em conta fatores intrapessoais, interpessoais e contextuais, e a forma como estes se relacionam reciprocamente, podendo influir diretamente ou de forma mediadora na satisfação conjugal. Os fatores intrapessoais são aqueles que caracterizam o cônjuge, tendo em conta a sua individualidade, dizem respeito às características da personalidade, cognições, componentes afetivos e padrões de vinculação. Os fatores interpessoais abarcam os estilos de comunicação, de resolução de conflitos e semelhanças dos cônjuges, dão-nos as características que descrevem a relação a dois, do “nós”. Os fatores contextuais são relativos às influências do meio e dos sistemas envolventes, na relação de casal, e podem ser fatores relativos ao contexto social dos cônjuges, acontecimentos de vida *stressantes*, etc. (Narciso & Ribeiro, 2009).

Este modelo integrativo permite perceber os fatores que influenciam a relação conjugal de uma perspetiva sistémica, tendo em conta que o casal, tal como a família, é “um organismo vivo” que sofre constantes transformações

e mudanças e que se influenciam mutuamente. Voltamos à visão holística do casal como um todo maior que a soma das partes, onde para além do “eu” e do “tu” está presente o “nós” (Narciso & Ribeiro, 2009).

Um dos instrumentos utilizados neste estudo foi a ENRICH (Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade), e uma das categorias que avalia é precisamente a **satisfação**. Mas avalia doze áreas da relação conjugal, sendo por isso importante perceber quais as indicações dos estudos nesta área (Lourenço, 2006).

Os estudos com casais sem filhos debruçam-se mais sobre a procura das motivações que justifiquem esta opção, no entanto, os estudos encontrados centram-se na perceção que os casais sem filhos têm da satisfação conjugal.

A **comunicação** é uma das áreas mais importantes da relação pois, tal como em todas as outras relações, “é impossível não comunicar” (Alarcão, 2006). Em todos os comportamentos há comunicação seja ela verbal ou não-verbal. Este é mesmo o primeiro Axioma da Pragmática da Comunicação Humana (Watzlawick, 1972, em Alarcão, 2006; Lourenço, 2006). Na relação conjugal a comunicação tem duas funções importantes: “a expressão dos sentimentos de amor e da identidade física e psicológica, e a resolução das dificuldades inerentes à partilha de uma vida quotidiana” (Baucom & Epstein, 1990, Fitzpatrick, 1998, em Narciso & Ribeiro, 2009, p.66). Baucom e Epstein (1990) verificaram a existência de correlações significativas entre satisfação conjugal e a expressividade dos cônjuges, os casais satisfeitos expressam mais emoções desejos e necessidades (em Narciso & Ribeiro). No caso dos casais sem filhos, a comunicação parece ser um dos domínios que gera satisfação. Feeney, Noller e Ward (1997) encontraram no seu estudo que estes casais atribuíam uma maior importância à comunicação, quando comparados com os casais com filhos (em Benkovskaia, 2008). Kurdeck, Silva e Relvas (1993, 2007), defendem que o cansaço originado pela educação e cuidado com os filhos e a conseqüente falta de tempo para a intimidade/comunicação entre casal são fatores que diminuem a satisfação conjugal. No estudo de Lima, Alves e Cristina (2010), os dados indicam que o egoísmo/falta de cooperação e a falta de apoio percebido pelos cônjuges são aspetos que surgem com uma frequência significativamente maior nos casais com filhos, do que nos casais sem filhos,

como potenciadoras de dificuldades sérias no casamento.

Os estilos comunicacionais estão intimamente ligados a outros dois domínios da conjugalidade: a **resolução de conflitos** e **igualdade de papéis**. O casal necessita de optar por um padrão de comunicação de complementaridade que permitirá uma melhoria da resolução dos conflitos. Por sua vez, quando percebida, esta complementaridade poderá contribuir para níveis mais elevados de satisfação. Os casais mais felizes são aqueles capazes de comunicar acerca dos motivos de conflito (Olson & Olson, 2000, em Olson & DeFrain, 2003). Esta ideia é reforçada pela opinião de Johnson e Booth (1998), que referem que a comunicação é essencial para a resolução de conflitos, que se não forem ultrapassados podem contribuir para a diminuição da intimidade do casal e aumentar os sentimentos negativos, que consequentemente levam à insatisfação conjugal (Lima, Alves & Cristina, 2010).

Não há estudos que indiquem que os níveis de resolução de conflitos são superiores em casais sem filhos. No entanto, podemos inferir que existe a possibilidade de esta situação ser real uma vez que os casais sem filhos valorizam mais a comunicação do que os casais com filhos, como evidencia o parágrafo anterior. O maior ou menor conflito do casal pode também relacionar-se com a igualdade de papéis. Embora o papel da mulher esteja a alterar-se na sociedade, ainda há estereótipos tradicionais que a resignam perante o poder masculino. A mulher é vista como a “dona de casa”, ficando muitas vezes sobrecarregada com as tarefas domésticas, que se tornam cumulativas com as responsabilidades parentais quando nascem os filhos. Esta falta de divisão de tarefas é recorrentemente um dos fatores que leva à insatisfação conjugal (Narciso & Ribeiro, 2009; Relvas & Alarcão, 2007; Lourenço, 2006). Não sabemos se o facto de o casal não ter filhos contribui para maiores níveis de percepção de igualdade de papéis, no entanto, a imposição da mulher no mercado de trabalho, e a necessidade de passar mais tempo fora de casa, coloca-a numa posição de complementaridade em relação ao marido. Sendo a falta de igualdade de papéis contributiva para a insatisfação do casal, podemos colocar a hipótese de acontecer o inverso em relação aos casais sem filhos.

A **gestão financeira** é nos dias de hoje um fator cada vez mais determinante na escolha do casal ter ou não filhos (Rowe & Medeiros,

2012). Alguns casais referem não ter capacidade monetária para sustentarem um filho (Bauman, 2004, em Rowe & Medeiros, 2012). Outros estudos sugerem que a maior liberdade financeira pode contribuir para um aumento da satisfação conjugal nos casais sem filhos (Rowe & Medeiros, 2012; Rios, & Gomes, 2009).

Autores como Orbuch, House, Mero e Webster (1996) sugerem uma associação entre os declínios da **satisfação** e presença dos filhos. Num estudo de Rios, os resultados de pesquisas quantitativas com casais sem filhos apontam para um aumento da satisfação conjugal derivada dessa opção (2009, em Lima, Alves & Cristina, 2010).

Lima, Alves e Cristina (2010) demonstraram mais alguns resultados significativamente positivos relativamente à satisfação conjugal percebida pelos cônjuges em casais sem filhos. No que diz respeito ao **ajustamento mútuo** do casal, os mesmos autores obtiveram resultados com significativa relevância, verificando que 91,4% dos sujeitos sem filhos beijam o cônjuge todos os dias, contra 72,8% dos casais com filhos. O número de pessoas que gosta da frequência com que o cônjuge a abraça é 80,6% nos casais sem filhos e apenas 48,1% nos sujeitos com filhos (2010). A falta de **afeição mútua** foi outro dos domínios percebido pelos casais com filhos como causadora de dificuldades sérias no casamento, sendo a diferença significativa quando comparados com casais sem filhos.

A possibilidade de realizar atividades de lazer com o cônjuge é uma das motivações referidas pelos casais para permanecerem sem filhos (Rowe & Medeiros, 2012). Como podemos verificar a partir dos estudos de Bali, Dhingra e Baru (2010) que, ao estudarem o **ajustamento conjugal**, obtiveram resultados demonstrando que 80% dos sujeitos têm uma atitude positiva para com o parceiro, costumam passar tempo juntos, apreciam todos os momentos em comum, e nunca pensaram viver um sem o outro. Tais resultados parecem evidenciar que a ausência de filhos permite que os casais passem mais tempo juntos, sendo que uma das dificuldades sentidas pelos casais com filhos é a impossibilidade de passarem mais tempo juntos (Dew, 2009). Embora não haja ainda muita bibliografia que se foque na importância que as **atividades de lazer** têm para os casais, é perceptível, nomeadamente através de estudos de satisfação conjugal, que a falta de tempo dos casais com filhos torna-se problemática, não permitindo que casal

possa ter momentos a dois (Lourenço, 2006).

Um estudo português, de 2008, concluiu que casais sem filhos, casados ou em união de facto, se sentem mais satisfeitos, mais afetivamente seguros e mais próximos do cônjuge do que os casais, casados ou em união de fato, com filhos (Benkovskaia, 2008).

A **etapa do ciclo vital da família e do casal** pode também estar relacionada com o aumento ou declínio da satisfação dos casais com e sem filhos. O nascimento do primeiro filho é visto por Gottman e Carrère, como o início da rutura de muitos casais (2000, em Benkovskaia, 2008).

Rollins e Cannon (1974), num estudo realizado com casais norte-americanos, concluíram que a transição de fases do casal sem filhos para o casal com filhos pequenos representa um declínio a nível de satisfação conjugal, para ambos os cônjuges (em Lima, Alves & Cristina, 2010). Este declínio pode ser explicado pela transição do investimento e atenção na relação de casal para a relação parental (Magagnin, Korbes, Hernandez, Cafruni, Rodrigues & Zarpelon, 2003, em Lima, Alves & Cristina, 2010).

Outros estudos sobre a satisfação em casais com filhos demonstram que existe uma variação curvilínea relativa ao nível de satisfação dos casais, sendo que as fases de perceção de maior satisfação e qualidade conjugais são mais elevadas nos primeiros anos de casamento, e começam a declinar até à saída dos filhos de casa, altura em que a satisfação torna a aumentar. (Narciso, 2001, em Benkovskaia, 2008).

A inexistência de filhos nos casais de meia-idade é um fator que promove uma relação mais afetuosa e mais próxima dos cônjuges, permitindo também uma maior atenção e suporte para com o parceiro (Alarcão, 2006). Se pensarmos, então, no ciclo vital do casal e na terceira etapa relativa ao estágio da empatia, a satisfação pode também dever-se ao alcance da própria individualização e de uma melhor aceitação mútua das vulnerabilidades do casal, permitindo dessa forma uma reaproximação do casal.

Narciso (2001) compilou alguns estudos que demonstram que a presença dos filhos é um fator constrangedor da satisfação do casal e que parecem ter uma ligação ao ciclo vital da família. Nomeadamente, a presença de filhos nos anos intermédios de casamento parece afetar o domínio da satisfação conjugal relativo às atividades de lazer, tendo sido

identificada uma diminuição nas atividades de lazer exclusivas do casal devido à sobrecarga com as responsabilidades parentais e domésticas (em Benkovskaia, 2008). Feeney, Noller e Ward (1997) reconheceram também que variáveis como a **compatibilidade, intimidade/proximidade, vinculação e respeito** atingiam níveis mais elevados em casais sem filhos ou, caso tivessem filhos, não residissem com eles.

5. Não ter filhos é a solução?

Embora possa parecer haver só vantagens relativas à opção por não ter filhos, esta opção não pode mascarar as dificuldades sentidas pelo casal. Se tal fosse a solução não haveria divórcios. Não ter filhos poderá até ser um fator facilitador do divórcio, uma vez que muitos dos casais mantêm a sua relação devido à presença dos filhos (Relvas & Alarcão, 2007).

Connidis e McMullin (1999) identificam como desvantagens inerentes aos casais sem filhos a falta de companhia e a solidão, falta de suporte/cuidado na velhice e a perda da experiência de paternidade/maternidade (em Rios & Gomes, 2009b).

Alguns cônjuges sem filhos, principalmente as mulheres, sofrem com a estigmatização, por parte da sociedade mas também da família e amigos, por preferirem ter sucesso, por exemplo a nível profissional, e não dedicarem o seu tempo à maternidade. Estes casais são muitas vezes pressionados para alterar a sua escolha ou justificar a sua posição (Rios & Gomes, 2009). Orienstein (2000), num dos seus estudos, verificou que a maior parte dos casais sem filhos, por opção, se sentiam angustiados e recebiam o isolamento social, mantendo uma necessidade constante de explicar a sua escolha (em Kristin, 2002).

II – Objetivos

1. Objetivo Geral

Após a revisão literária, surgiram como linhas orientadoras desta investigação o facto de a existência de filhos poder ser uma variável que condiciona a perceção da relação de casal, nos seus vários domínios. Esta ausência de filhos não parece ser apenas relativa à não conceção de um filho

no seio do casal, mas também à sua ausência tendo em conta o ciclo vital da família e do casal.

Assim, o objetivo geral desta investigação é perceber se a presença de filhos influencia a perceção do ajustamento e funcionamento dos cônjuges.

2. Objetivos Específicos

De forma a aprofundar e orientar o nosso estudo empírico, definiram-se como objetivos específicos:

- a) Perceber se existem diferenças entre os cônjuges com e sem filhos, na perceção dos domínios do ajustamento do casal e funcionamento conjugal;
- b) Estudar a influência da variável número de filhos, “*sem filhos*” e “*um ou mais filhos*”, na perceção do funcionamento e ajustamento conjugal controlando as variáveis concomitantes, *meio de residência, nível de habilitações literárias e ciclo vital do casal*;
- c) Explorar a capacidade de prever as perceções da conjugalidade em função das relações estabelecidas com as variáveis *sem filhos e um ou mais filhos, ciclo vital do casal, meio de residência e habilitações literárias*.

III - Metodologia

1. Modelo Conceptual

A representação gráfica do modelo conceptual proposto (Figura 1) visa facilitar a leitura e compreensão das principais variáveis que irão ser estudadas e as hipotéticas relações esperadas entre elas.

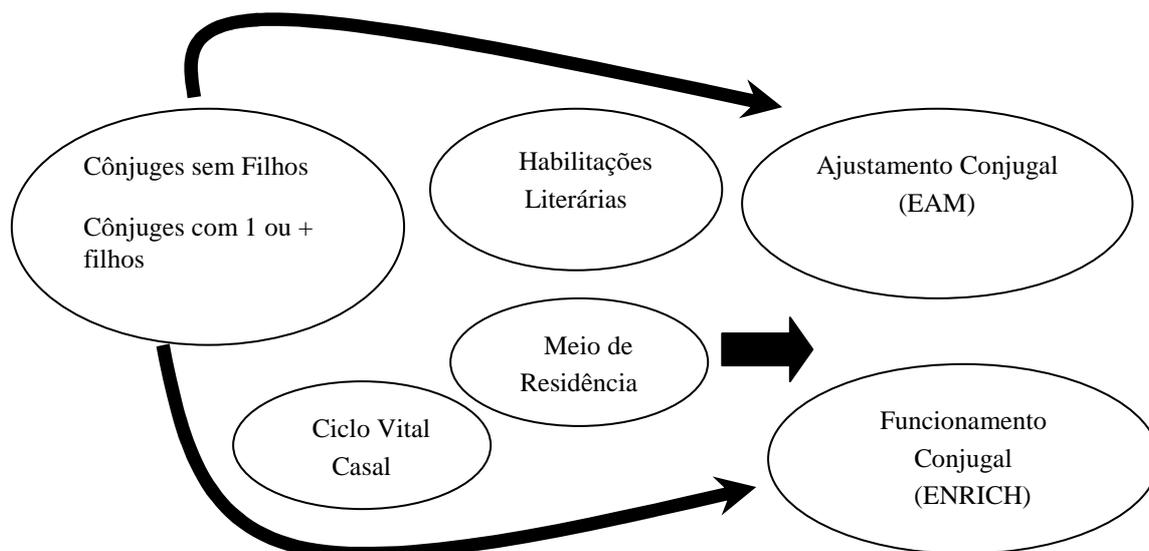


Figura 1. Modelo conceitual hipotético das relações entre as variáveis em estudo

2. Caracterização da amostra

No sentido de desenvolver os nossos objetivos, optámos por desenhar um estudo *quasi-experimental*, uma vez que não foi possível distribuir os sujeitos aleatoriamente pelos grupos (Maroco, 2007). A amostra é constituída por um total de 168 cônjuges portugueses, dos quais 84 “*sem filhos*” e 84 com “*um ou mais filhos*”, que reponderam a todos instrumentos pela seguinte ordem: Questionário de Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares, Escala de Ajustamento Mútuo (adaptação e validação portuguesa, 2003) e Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade, ENRICH (adaptação e validação portuguesa, 2003).

Tendo em linha de consideração as variáveis gerais da amostra, tal como se pode constatar na Tabela 1, a amostra é constituída maioritariamente por sujeitos do sexo feminino (54,2% sexo feminino; 45,8%) sexo masculino, com idades compreendidas entre os 22 e os 59 anos ($M=31,93$; $DP= 6,062$). A maioria dos sujeitos reside em meio predominantemente urbano (56,3%), possui habilitações literárias a nível do ensino superior (35,6%) e 12º ano (29,9%) e trabalha por conta de outrem

(77,0%).

Tendo em conta as características relacionais da amostra, tal como perceptível na Tabela 2, podemos observar que a maioria dos sujeitos são casados (54,2%) e vivem a sua primeira relação conjugal (90,5%). Podemos ainda perceber que a distribuição da amostra segundo o ciclo vital do casal² é maioritária nas fases dos *0-3 anos* (34,5%) e a fase dos *4-10 anos* (44%). A amostra é claramente equitativa relativamente ao número de filhos, sendo que a distribuição de cônjuges sem filhos e casais com um ou mais filhos é exatamente igual (50%). Por outro lado, quando analisamos o ciclo vital da família, é maior a distribuição relativa à fase dos *casais sem filhos* (50%), como era de esperar, e não existem famílias na fase do “ninho vazio”.

Procedemos a análises estatísticas, nomeadamente ao *t-Student* e ao *qui-quadrado*, para estudar a comparabilidade das subamostras. Verificamos (cf. Anexo II) que a distribuição dos sujeitos pelas subamostras é equiparada nas variáveis *sexo*, *idade em categorias*, *situação profissional* e *número de relações anteriores*. Não se observou equiparação na variáveis *estado civil*, *habilitações literárias*, *ciclo vital do casal*, *meio de residência*, e *ciclo vital da família*.

² Conforme a designação proposta por Carvalho Lourenço (2006).

Tabela 1. Estatística descritiva das características sociodemográficas da amostra

		Cônjuges sem filhos		Cônjuges com filhos		Total	
		n	%	n	%	N	%
Idade (Categorias)	22-29	35	41,7	34	40,5	69	41,1
	30-39	45	53,6	46	54,8	91	54,2
	40-49	3	3,6	3	3,6	6	3,6
	Igual ou superior a						
	50	1	1,1	1	1,2	2	1,2
	n Total	84	100	84	100	168	100
Sexo	Feminino	44	52,4	47	56,0	91	54,2
	Masculino	40	47,6	37	44,0	77	45,8
	n Total	84	100	84	100	168	100
Meio de Residência	Predominantemente rural	10	11,9	28	33,3	38	22,6
	Medianamente urbano	20	23,8	13	15,5	33	19,6
	Predominantemente urbano	54	64,3	41	48,8	95	56,5
	<i>Missing</i>			2	2,4	2	1,2
	n Total	84	100	84	100	168	100
	Habilitações Literárias	Ensino superior	39	46,4	19	22,6	58
Ensino médio		3	3,6	4	4,8	7	4,2
12º Ano		23	27,4	26	31,0	49	29,5
9º Ano		13	15,5	25	29,8	38	22,6
6º Ano		-	-	6	7,1	6	3,6
4ª classe		-	-	3	3,6	3	1,8
Ainda não terminou		4	4,8	1	1,2	5	3
<i>Missing</i>		2	2,4			2	1,2
n Total	84	100	84	100	168	100	
Situação Profissional	Patrão	7	8,3	7	8,3	14	8,3
	Trabalhador por conta própria sem assalariados	5	5,6	4	4,8	9	5,4
	Trabalhador por conta de outrem	61	72,6	67	79,8	128	76,2
	Desempregado	8	9,5	4	4,8	12	7,1
	<i>Missing</i>	3	3,6	2	2,4	5	3
	n Total	84	100	84	100	168	100

Tabela 2. Estatística descritiva das características relacionais da amostra

			Cônjuges sem filhos		Cônjuges com filhos		Total	
			n	%	n	%	N	%
Estado Civil		Casados	37	44,0	56	66,7	93	54,2
		União de facto	47	56,0	28	33,3	72	45,8
		n Total	84	100	84	100	168	100
Número de Filhos Comum	de	Sem filhos	84	100	-	-	84	50
	em	1 ou + filhos	-	-	84	100	84	50
		n Total	84	100	84	100	168	100
Duração da Relação - Ciclo Vital Do Casal	da	0-3 Anos	44	52,4	14	16,7	58	34,5
		4-10 Anos	32	38,1	42	50	74	44,0
		11-19 Anos	7	8,3	17	20,2	22	14,3
		20 ou mais anos	1	1,2	8	9,5	9	5,4
		<i>Missing</i>			3	3,6	3	1,8
	n Total	84	100	84	100	168	100	
Duração da Relação (em Categorias)	da	0-3 Anos	44	52,4	14	16,7	58	34,5
		4-7 Anos	25	29,8	30	35,7	55	32,7
		8-10 Anos	7	8,3	15	17,9	22	13,1
		11-19 Anos	7	8,3	18	21,4	25	14,9
		20 ou mais anos	1	1,2	4	4,8	5	3
	<i>Missing</i>			3	3,6	3	1,8	
	n Total	84	100	84	100	168	100	
Número de Relações Anteriores	de	0	75	89,3	77	91,7	152	90,5
		1	8	9,5	6	7,1	14	8,3
		2	1	1,2	1	1,2	2	1,2
		n Total	84	100	84	100	168	100
Ciclo Vital da Família		Casal sem filhos	84	100	-	-	84	50
		Filho Inferior a 6 A	-	-	49	58,3	49	29,2
		Filho de 6-12 anos	-	-	15	17,9	15	8,9
		Filho 13 anos – sem nenhum filho fora de casa	-	-	15	17,9	15	8,9
		Pelo menos um filho saiu de casa	-	-	3	3,6	3	1,8
		Todos os filhos saíram de casa ³	-	-	-	-	-	-
		<i>Missing</i>			2	2,4	2	1,2
		N Total	84	100	84	84	184	100

³ Nenhum dos sujeitos se encontra nesta fase do ciclo vital da família.

3. Instrumentos

3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares

Previamente às respostas dos vários instrumentos de avaliação, o consentimento informado foi assinado pelos participantes para que estes confirmassem a receção da informação relativa às finalidades da investigação e à salvaguarda dos seus dados, nomeadamente da garantia de anonimato e confidencialidade.

O questionário de Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares tem como objetivo a recolha de dados variados dos respondentes deste estudo. A abrangência da informação relativa ao indivíduo, à sua família e à relação de casal visa a recolha de informação considerada essencial e relevante para a amplitude do projeto de investigação global, relativo ao protocolo da *conjugalidade* na população portuguesa. Assim, são incluídas variáveis como: idade, género, meio de residência, etapa do ciclo vital familiar e do casal, habilitações literárias, situação profissional, número de filhos, número de relações anteriores.

3.2. Escala de Ajustamento Mútuo (EAM) (Lourenço, M. & Relvas, A. P., 2003)

A versão original da Escala de Ajustamento Mútuo foi construída por Spanier, em 1976, a *Dyadic Adjustment Scale*. O objetivo desta escala é a avaliação do ajustamento mútuo diádico, sendo este ajustamento descrito como um processo de mudança que possui uma dimensão qualitativa e que pode ser avaliada em qualquer ponto do tempo, variando entre bem e mal ajustado (Spanier, 2001, em Lourenço, 2006). A escala foi dividida em quatro subescalas, que o autor considera estarem relacionadas com o *ajustamento diádico*: subescala de *consenso mútuo*, que avalia o grau de concordância dos cônjuges relativamente a assuntos tais como dinheiro, amigos, atividades de lazer, tarefas domésticas, etc.; subescala de *satisfação mútua*, que avalia a tensão existente na relação conjugal; subescala de *expressão afetiva*, que avalia a satisfação nos domínios da proximidade e sexualidade; e subescala de *coesão mútua*, que avalia os interesses e atividades comuns e partilhadas pelo casal (Lourenço, 2006).

A Escala de Ajustamento Mútuo foi adaptada, em 2003, por Lourenço e Relvas e manteve os 32 itens, de autorresposta, divididos pelos quatro fatores originalmente constituídos. Esta escala parece ser um instrumento pertinente para avaliação do ajustamento na relação conjugal, tendo um valor de consistência interna muito bom, pois o coeficiente de *Cronbach* para a escala global é de .93. Tendo em conta as subescalas temos também valores de consistência interna bons para a satisfação mútua, consenso mútuo e coesão mútua (.81; .89; .76), ficando apenas a subescala da expressão afetiva com um coeficiente de *Cronbach* ligeiramente a baixo de .70. (*idem*, 2006).

3.3. Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (Lourenço, M. & Relvas, A. P., 2003)

A versão original da ENRICH foi desenvolvida por Olson, Fournier e Druckman, em 1982, com o objetivo de avaliar e identificar as áreas problemáticas e os recursos do casal nos vários domínios relativos à conjugalidade. Por isso, embora desenvolvida com o intuito principal de investigação, é utilizada também como instrumento que auxilia no diagnóstico de casais que procuram ajuda, isto porque identifica também áreas de crescimento e enriquecimento (*idem*, 2006).

A versão portuguesa foi adaptada em 2003, também por Lourenço e Relvas. Este instrumento de autorresposta, que na versão original era constituído por 115 itens, tem na versão portuguesa 109 itens de resposta tipo Likert, que variam de (1) *Discordo fortemente* a (5) *concordo fortemente*, consoante o nível de acordo com as afirmações apresentadas (*idem*, 2006).

A validação portuguesa da ENRICH mostra que é um instrumento viável, tendo um valor de consistência interna bom para a escala completa (*alpha de Cronbach* de .74). Tal como na versão original, pareceu pertinente às autoras portuguesas manter as doze subescalas relativas aos domínios de conjugalidade. Temos uma subescala de *Idealização*, relativa à tendência que os casais têm para responder de acordo com a idealização da relação conjugal (*alpha de Cronbach* .79); *Satisfação*, que nos dá uma medida global da satisfação com vários aspetos da relação conjugal, tendo em conta dez áreas da relação conjugal (características da personalidade, papéis de

responsabilidade, comunicação, resolução de conflitos, finanças, gestão do tempo livre, relação sexual, responsabilidades parentais, relações com família e amigos e orientação religiosa), possuindo um *alpha* de Cronbach de .84; *Aspetos da Personalidade*, que avalia a percepção que se tem relativa aos comportamentos do parceiro e o seu grau de satisfação relativo aos mesmos (*alpha* de Cronbach .72); *Comunicação*, que avalia o conforto sentido para partilhar com o cônjuge sentimentos e crenças, a forma como estes percebem que a informação é recebida e formas mais ou menos adequadas de comunicar (*alpha* de Cronbach .78); *Resolução de Conflitos*, avalia a capacidade para identificar e resolver problemas e procedimentos para terminar uma discussão e a satisfação relativa a essa mesma resolução dos conflitos (*alpha* de Cronbach .73); *Gestão financeira*, foca-se nas atitudes e preocupações dos cônjuges sobre a forma como as questões económicas são cuidadas na relação conjugal (*alpha* de Cronbach .70); *Atividades de lazer*, avalia as preferências dos cônjuges para a ocupação dos tempos livres (*alpha* de Cronbach .64); *Relações Sexuais*, avalia os sentimentos e preocupações dos cônjuges sobre as relações afetiva e sexual com o parceiro (*alpha* de Cronbach .70); *Filhos e casamento*, avalia as atitudes e sentimentos relativas a opção de ter ou não filhos e ao consenso quanto ao número de filhos (*alpha* de Cronbach .77); *Família e Amigos*, avalia os sentimentos e preocupações com as suas relações familiares (parentes ou por afinidade) e de amizade (*alpha* de Cronbach .65); *Igualdade de Papéis*, avalia as crenças, sentimentos e atitudes relativas aos papéis conjugais e familiares (*alpha* de Cronbach .75); e *Orientação Religiosa*, que avalia crenças, sentimentos e preocupações dos cônjuges sobre a importância da prática e crenças religiosas na relação de casamento (*alpha* de Cronbach .79) (Lourenço, 2006).

4. Procedimentos de investigação

De forma a cumprir os objetivos deste estudo empírico, a amostra foi recolhida com vista ao estabelecimento das duas subamostras, cônjuges com filhos (um ou mais filhos), e cônjuges sem filhos. Recorremos a um critério de amostragem não probabilística, por conveniência. A amostra foi recolhida tendo em conta os seguintes critérios de inclusão: sujeitos com

idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos de idade; cônjuges heterossexuais casados ou em união de facto. De forma a controlar a variável “filhos de relações anteriores”, optámos por excluir sujeitos em segundas relações sem filhos em comum, e cujos seus filhos ou do cônjuge não vivessem no mesmo agregado familiar.

Os protocolos foram preenchidos pela ordem acima referida: Questionário de Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares, Escala de Ajustamento Mútuo e ENRICH. Cada protocolo era acompanhado de um consentimento informado com apresentação do projeto e suas finalidades.

As questões relativas à preservação do anonimato e confidencialidade das respostas foram garantidas, sendo excluídos os protocolos que não se fizessem acompanhar do consentimento informado devidamente assinado.

5. Procedimentos Estatísticos

Posteriormente à recolha dos dados, procedeu-se à construção da base de dados e do tratamento estatístico com o auxílio do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences, versão 20.0 for Windows*).

5.1. Características psicométricas dos instrumentos

Pareceu-nos pertinente analisar a consistência interna dos instrumentos que utilizámos, tendo em conta a amostra recolhida para o estudo (cf. Anexo III). Dessa análise obtivemos um *alpha* de *Cronbach* para a Escala de Ajustamento Mútuo de 0,903, o que é considerado um valor⁴ muito bom de consistência interna (Pestana & Gageiro, 2005). Já na análise da ENRICH foi extraído um *alpha* de *Cronbach* de 0.994 também muito bom, superior ao encontrado no estudo de validação que indicava um índice de consistência interna de 0.74 (Lourenço, 2006).

⁴ O valor do alfa de *Cronbach* dá-nos o grau de coerência e homogeneidade dos resultados, podendo variar entre 0 e 1. Coeficientes iguais ou superiores a 0.80 são considerados bons valores de consistência interna (Pestana & Gageiro, 2005).

5.2. Normalidade e Homogeneidade

De acordo com o teste não paramétrico de Kolmogorov-Smirnov (Pestana & Gageiro, 2005) (cf. Anexo IV), pode-se verificar que para as Subescalas do Ajustamento Mútuo, apenas se cumprem os critérios de normalidade na subescala de *ajustamento mútuo* e *consenso mútuo* na subamostra sem filhos ($p > 0,05^5$). Para todos os outros fatores a distribuição não é normal.

A análise (cf. Anexo IV) evidencia que no ENRICH, para a subamostra sem filhos os fatores *comunicação*, *gestão financeira*, *atividades de lazer*, *filhos e casamento*, *igualdade de papéis* e *idealização* não seguem uma distribuição normal. Relativamente à subamostra de um ou mais filhos, a normalidade não é cumprida nos fatores *resolução de conflitos*, *atividades de lazer*, *relações sexuais*, *filhos e casamento*, *família e amigos*, *igualdade de papéis*, *orientação religiosa*, *idealização* e *satisfação*. No entanto, Maroco (2007) defende que para amostras de dimensão superior a trinta sujeitos, a distribuição da média amostral é considerada aproximada à normal, e que a robustez dos testes paramétricos assegura a não violação do pressuposto de normalidade e de homogeneidade, que poderiam afetar o erro tipo I e II.

O teste de Levene (cf. Anexo V) revela uma distribuição de resultados homogéneos para todos os fatores da escala de Ajustamento Mútuo ($p > .05$). Da análise do ENRICH, observamos que não se cumprem critérios de homogeneidade apenas para aos fatores *idealização* ($L=6,632$; $p=0,011$), *satisfação* ($L= 6,620$; $p=0,011$) e *orientação religiosa* ($L= 7,160$; $p=0,008$).

5.3. Tratamento dos dados

Inicialmente foi efetuada a análise de frequência e percentagens (estudo descritivo) com o objetivo de caracterizar a nossa amostra relativamente aos dados sociodemográficos e complementares, tal como já foi apresentado na secção *caracterização da amostra*.

⁵ Níveis de significância superiores a 0,05 permitem-nos aceitar a hipótese nula, isto é que não existem diferenças estatisticamente significativas, consequentemente valores inferiores fazem-nos rejeitar a hipótese nula (Pestana & Gageiro, 2005).

Após a verificação dos pressupostos de normalidade e homogeneidade, optámos pela utilização de testes paramétricos e não paramétricos. Nesse sentido utilizámos o *t*-Student e a ANCOVA, na categoria dos paramétricos. Decidimos usar, na categoria de testes não paramétricos apenas o teste *Mann Whitney*. Tendo também como objetivo prever o comportamento da variável dependente a partir das variáveis dependentes (*sem filhos* e *um ou mais filhos*; *meio de residência, ciclo vital do casal* e *habilitações literárias*), recorremos ao modelo de Regressão Linear Múltipla (MRLM).

IV – Resultados

1. A presença de filhos influencia o ajustamento e funcionamento dos casais e a relação conjugal?

Para analisar a existência de possível influência do número de filhos no ajustamento e funcionamento conjugal optámos pela utilização do teste *t*-Student para amostras independentes. Este teste vai averiguar se existem diferenças entre as subamostras, “*sem filhos*” e “*um ou mais filhos*” através da comparação das médias de cada uma delas. Para os fatores em que não se assegura que as variâncias populacionais cumprem os pressupostos de normalidade e homogeneidade utilizou-se o teste *Mann Whitney* (Field, 2005).

1.1. Ter ou não filhos influencia o Ajustamento Conjugal – EAM?

1.1.1. Variável Dependente: Fatores da EAM

Com base na leitura da tabela 3 conclui-se que os cônjuges “sem filhos” (Média= 40, 86; D.P.= 3,955) apresentam resultados superiores no fator *satisfação mútua* relativamente aos cônjuges com “um ou mais filhos” (Média= 38,11; D.P.= 7,433), sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas ($p < 0,107$, para valores de significância 2-tailed). Embora as diferenças encontradas no fator *satisfação mútua* sejam as mais significativas, aparecem também como significativas as diferenças relativas à *expressão afetiva*, mais uma vez com resultados superiores nos

cônjuges “ sem filhos” (Média =9,93; D.P.=1,755) em comparação com os cônjuges com “um ou mais filhos” (Média=9,36; D.P.=1,997). E, no *ajustamento mútuo* (escala global), observando-se também superioridade na pontuação média dos cônjuges “sem filhos” (Média= 120, 72; D.P.= 11,878) em relação com cônjuges com “um ou mais filhos” (Média= 115,93; 19,784).

Tabela 3. Resultados estatisticamente significativos

	t-Student	
	Valor Teste	sig. ⁶
Satisfação Mútua	t= 2,993	0,003
Expressão Afetiva	t= 1,950	0,053
Ajustamento Mútuo (Escala global)	t= 1,893	0,060

Atentando nos resultados da tabela 4 conclui-se que não se pode rejeitar a hipótese nula, visto não existirem diferenças estatisticamente significativas, logo assume-se que as subamostras não diferem entre si nos fatores *consenso mútuo* e *coesão mútua*.

Tabela 4. Resultados não estatisticamente significativos (t- Student)

	Valor teste	sig. ⁷
Consenso Mútuo	t = -0,345	0,730
Coesão Mútua	t= 0,822	0,475

⁶ O valor de significância apresentado é o 2-tailed, este valor é significativo se for inferior a 0,107. Para obter o valor 1-tailed basta dividir por dois (Field, 2005).

^{6,7, 8} O valor de significância apresentado é o 2-tailed, este valor é significativo se for inferior a 0,107. Para obter o valor 1-tailed basta dividir por dois (Field, 2005).

1.2. Ter ou não filhos influencia o Funcionamento Conjugal – ENRICH?

1.2.1 Variável dependente: fatores da ENRICH.

Tendo em linha de consideração os fatores da ENRICH (tabelas 5 e 6) existe evidência de respostas estatisticamente significativas para os fatores *comunicação*, *filhos e casamento* e *idealização*. Os resultados que se revelaram mais significativos foram observados no fator *filhos e casamento*, com os cônjuges com “*um ou mais filhos*” a pontuarem valores superiores (Média= 36,55; D.P.= 5,811) relativamente os cônjuges “*sem filhos*”, que pontuam valores muito inferiores (Média=28,89; D.P.=6,978). Esta relação já era esperada, uma vez que, atendendo aos objetivos deste estudo, metade dos cônjuges não passaram ainda pela experiência da parentalidade. Comparando as médias das subamostras no fator *comunicação*, verifica-se superioridade nos cônjuges “*sem filhos*” (Média= 39,62; DP= 6,608), pontuando inferiormente os cônjuges com “*um ou mais filhos*” (Média=37,70; D.P.= 7,509). Os grupos também se revelam estatisticamente diferentes no fator *idealização*, com valores superiores na subamostra “*sem filhos*” (Média= 20,38; D.P.= 2,895) comparativamente aos cônjuges com “*um ou mais filhos*” (Média=18,95; D.P.=4,148).

Para os restantes fatores, as médias as diferenças existentes não são estatisticamente significativas, logo não se pode rejeitar a hipótese nula, que nos diz que não existem diferenças entre as variáveis em estudo nas diferentes subamostras. De referir contudo que no fator *resolução de conflitos* a distribuição das respostas é marcadamente equitativa, sendo o a média da pontuação exatamente a mesma em ambas as subamostras (Média= 32,76; D.P.= 5,187; D.P.=5,945). Embora sem diferenças estatisticamente significativas, as pontuações dos cônjuges “*sem filhos*” foram superiores nos fatores, *gestão financeira*, *relações sexuais* e *igualdade de papéis*.

Tabela 5. Resultados Estatisticamente Significativos

<i>t</i> - Student		
	Valor teste	sig. ⁸
Comunicação	<i>t</i> = 1,820	0,071
Filhos e casamento	<i>t</i> = -7,726	0,000
Teste		sig.
Idealização	<i>Mann Whitney</i>	0,032

Tabela 6. Resultados não estatisticamente significativos

	Valor teste	sig. ⁹
Aspetos de personalidade	<i>t</i> = -0,759	0,449
Resolução de conflitos	<i>t</i> = 0,000	1
Gestão financeira	<i>t</i> = 0,496	0,621
Atividades de Lazer	<i>t</i> = -0,898	0,370
Relações Sexuais	<i>t</i> = 1,686	0,168
Família e Amigos	<i>t</i> = -0,431	0,667
Igualdade de Papéis	<i>t</i> = 1,207	0,229
Teste		sig.
Orientação Religiosa	<i>Mann Whitney</i>	0,057
Satisfação	<i>Mann Whitney</i>	0,245

2. O ajustamento e funcionamento dos cônjuges são influenciados pela existência de filhos quando controladas as variáveis concomitantes, ciclo vital do casal, meio de residência e nível de habilitações literárias?

Para dar resposta a esta questão optámos pela utilização do teste paramétrico ANCOVA ou Análise da Covariância. Este teste, que combina a análise da variância com a regressão, deriva da ANOVA e permite a controlo de variáveis concomitantes, que se acredita estarem relacionadas com a variável dependente mas não com a variável independente. A

⁹ O valor de significância apresentado é o 2-tailed, este valor é significativo se for inferior a 0,107. Para obter o valor 1-tailed basta dividir por dois (Field, 2005).

ANCOVA permite explicar alguma da variabilidade que testes como o *t*-Student não são capazes de identificar. A ANCOVA ao explicar alguma da variância, que não é possível de se compreender com outros testes, permite que se diminua o erro da variância e por sua vez possibilita que sejam estudados de forma mais eficaz os verdadeiros efeitos da variável independente (Field, 2005).

Os pressupostos subjacentes a este teste são iguais aos da ANOVA, por isso, e admitindo que a amostra é normal, devido ao elevado número de sujeitos, o teste será utilizado na análise de todos os fatores em que é cumprido o pressuposto da homogeneidade. Não realizámos o teste apenas nos fatores *orientação religiosa, idealização e satisfação* da ENRICH.

Após a revisão da literatura e de acordo com o modelo conceptual apresentado, partiu-se do pressuposto que as variáveis *etapa do ciclo vital, meio de residência e habilitações literárias*, tidas como variáveis concomitantes, poderiam influenciar a relação existente entre as variáveis dependentes (ajustamento e funcionamento conjugal) e a variável dependente (cônjuges “*sem filhos*” ou “*com um ou mais filhos*”). Recorrendo à ANCOVA, conseguimos remover da perceção do funcionamento e ajustamento conjugal a variação devida à *etapa do ciclo vital do casal, meio de residência e habilitações literárias*. Pudemos, assim, analisar com maior segurança a relação entre as variáveis dependentes e a variável dependente.

2.1. Ter ou não filhos influência o Ajustamento Conjugal – EAM?

Conforme os resultados, apresentados na tabela 7, conclui-se que entre os cônjuges “*sem filhos*” e os cônjuges com “*um ou mais filhos*”, apenas existe uma diferença estatisticamente significativa ao nível da perceção do ajustamento relativa ao fator *satisfação mútua* ($F= 4,502, p= 0,035$). O controlo das variáveis concomitantes, *ciclo vital do casal, habilitações literárias e meio de residência* permitiram refutar as diferenças encontradas no *t*-Student, relativamente à *expressão afetiva e ajustamento mútuo* (escala global). Não foram encontrados, para além da *satisfação mútua*, mais resultados estatisticamente significativos ($p < 0,05$).

Tabela 7. ANCOVA - Variável Independente: "cônjuges sem filhos ou com um ou mais filhos"; Variáveis Moderadoras: etapa do ciclo vital do casal; meio de residência e habilitações literárias¹⁰

	F	sig.
Consenso Mútuo	0,487	0,486
Satisfação Mútua	4,502	0,035
Coesão Mútua	0,107	0,744
Expressão Afetiva	1,746	0,188
Ajustamento Mútuo (escala global)	1,170	0,281

2.2. Ter ou não filhos influência Funcionamento Conjugal – ENRICH?

Considerando os resultados da tabela 8, para a maioria dos fatores do ENRICH, quando controladas as variáveis concomitantes, *etapa do ciclo vital do casal, meio de residência e habilitações literárias*, não são identificadas diferenças estatisticamente significativas entre as subamostras.

Verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas nos fatores *aspectos de personalidade* (F= 4,046; $p=0,046$), *atividades de lazer* (F= 4,440; $p= 0,037$) e *filhos e casamento* (F= 68,691; $p= 0,000$), sendo este último resultado já esperado atendendo às características da amostra (cf. Anexo VII).

¹⁰ Consultar anexo VI.

Tabela 8. ANCOVA - Variável Independente: "cônjuges sem filhos ou com um ou mais filhos"; Variáveis Moderadoras: etapa do ciclo vital do casal; meio de residência e habilitações literárias¹¹

	F	sig.
Aspetos da Personalidade	4,046	0,046
Comunicação	0,060	0,806
Resolução de Conflitos	1,236	0,268
Gestão Financeira	0,424	0,516
Atividades de Lazer	4,440	0,037
Relações Sexuais	0,017	0,897
Filhos e Casamento	68,691	0,000
Família e Amigos	2,220	0,138
Igualdade de Papéis	0,003	0,954
Orientação Religiosa ¹²	-	-
Idealização ¹³	-	-
Satisfação ¹⁴	-	-

2.3. Será possível prever as perceções da conjugalidade em função das relações estabelecidas com as variáveis *número de filhos*, “sem filhos” e “um ou mais filhos”, *ciclo vital do casal*, *meio de residência e habilitações literárias*?

Utilizámos o modelo de regressão linear múltipla (MRLM) para procurar evidências no sentido de perceber se o funcionamento e ajustamento conjugal são passíveis de ser preditos por um conjunto de variáveis independentes (Field, 2007).

Para esta análise achamos pertinente incluir as variáveis independentes *número de filhos*, “*sem filhos ou com um ou mais filhos*”, *etapa do ciclo vital do casal*, *habilitações literárias* e *meio de residência*.

O modelo de regressão linear múltipla exige que sejam cumpridos determinados pressupostos para que a interpretação dos resultados possa chegar mais longe, nomeadamente: o pressuposto da homocedasticidade ou homogeneidade das variâncias, tal pode ser observado pela análise gráfica

¹¹ Consultar anexo VII

^{12, 13, 14} Não se procedeu à realização da ANCOVA uma vez que não eram cumpridos os critérios de homogeneidade.

dos resíduos – os resultados devem dispor-se com uma amplitude constante, sem tendências crescentes ou decrescentes (Field, 2005); normalidade, este pressuposto poder também analisado através da representação gráfica dos resíduos, devendo os resultados dispor-se de forma mais diagonal possível. (Field, 2005); os resultados devem contrariar a hipótese de multicolinearidade, isto é, as variáveis independentes não devem estar correlacionadas, para isso procede-se a verificação dos valores de *tolerância* que deverão ser superiores a 0,1 e dos valores de *Variance Inflation Factor (VIF)* que deverão ser inferiores a 10; a linearidade é observada através de diagramas de dispersão e visa verificar a existência de relações entre cada uma das variáveis independentes e a variável dependente.

2.3.1. Variável Dependente: Satisfação Mútua¹⁵

Tal como podemos contatar a partir da tabela 9, 28,2% da variabilidade total da *satisfação mútua*, é explicado pelas variáveis independentes introduzidas no modelo de regressão utilizado. O valor decorrente da ANOVA revela que é possível prever o comportamento da *satisfação mútua*, a partir de pelo menos uma das variáveis independentes ($F= 2,282$; $p=0,083$).

Recorremos ao cálculo dos coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados que nos permitiram perceber qual das variáveis tem maior influência na predição do comportamento da *satisfação mútua*. Após a análise dos coeficientes de regressão não estandardizados podemos concluir que, claramente, o número de filhos é a variável que melhor prevê a satisfação mútua ($p= 0,035$). A observação dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados permite-nos igualmente perceber que é número de filhos é a variável preditora que mais contribui para a variabilidade observada a nível a *satisfação mútua* ($\beta= -0,177$).

Estando salvaguardados todos os pressupostos subjacentes ao MRLM, atentemos na existência de uma relação linear entre a *satisfação mútua* e a variável *número de filhos*, que parece evidenciar um decréscimo na percepção da *satisfação mútua* por parte dos cônjuges com um ou mais filhos.

¹⁵ Consultar Anexo VIII e IX

2.3.2. Variável Dependente: fatores da ENRICH¹⁶

Nesta secção, apresentamos apenas os resultados da regressão linear múltipla dos fatores estatisticamente significativos, atendendo também à pertinência que estes têm para a concretização dos objetivos deste estudo empírico.

Garantidos os pressupostos implícitos ao modelo, apresentamos de seguida as principais conclusões relativas aos fatores da ENRICH.

Relativamente ao fator *aspectos de personalidade*, podemos concluir que 6,6 % da variabilidade total deste fator é explicada maioritariamente pela variável independente relativa às *habilitações literárias*¹⁷ ($\beta = -0,216$), seguida pelo número de filhos em comum ($\beta = 0,169$). Observa-se um decréscimo da perceção relativa aos comportamentos do parceiro e o seu grau de satisfação relativo aos mesmos, nos sujeitos com níveis mais baixos de literacia. Conclui-se ainda que os *scores* neste fator são superiores nos *cônjuges com um ou mais filhos*.

No que diz respeito às *atividades de lazer*, 7,3% da variabilidade total é explicada pela regressão, sendo que os *cônjuges sem filhos* ($\beta = 0,177$) e *cônjuges com menores habilitações literárias* ($\beta = -0,187$) obtêm menores *scores* neste fator.

Considerando o fator *filhos e casamento*, 32,9% da variabilidade total deste fator pode ser dada pela regressão, sendo que os *cônjuges com um ou mais filhos* ($\beta = 0,591$) obtêm *scores* no fator *filhos e casamento*. Relação contrária observa-se com a fase do *ciclo vital do casal* ($\beta = -0,176$), à medida que esta aumenta os *scores* observados no fator em análise diminuem.

O fator *orientação religiosa* tem 3,9 % da sua variabilidade total explicada pela regressão. Os *cônjuges com um ou mais filhos* ($\beta = 0,207$) obtêm *scores* mais elevados.

No fator referente à *satisfação*, observamos que 9,5% da variabilidade total pode ser dada pela presente regressão. Os *cônjuges com um ou mais filhos* ($\beta = 0,186$) tendem a obter *scores* superiores no fator *satisfação*.

¹⁶ Consultar Anexo X e XI.

¹⁷ Para compreender a leitura feita da linearidade das *habilitações literárias*, é importante ter presente a codificação que foi utilizada na base de dados: 1= “ensino superior”; 2= “ensino médio”; 3= “12º ano”; 4= “9º ano”; 5= “6º ano”; 6 = “4ª classe”; 7= “menos que 4ª classe”; 8= “analfabeto”; 9= “ainda não terminou”.

Quanto mais forem as características urbanas do *meio de residência* ($\beta=0,176$) maiores os *scores* neste fator.

V - Discussão

Nesta secção o nosso objetivo passa pela reflexão e discussão em torno dos resultados que se revelaram estatisticamente significativos, procurando estabelecer uma ponte com a revisão teórica utilizada para a elaboração do nosso enquadramento conceptual.

1. Será a inexistência de filhos um fator protetor do ajustamento e funcionamento conjugal?

Começemos por refletir sobre o fator de *satisfação mútua*. Este fator mede a forma como os casais percebem a tensão na relação conjugal, nomeadamente questões relativas à ponderação do divórcio, ao arrependimento com o casamento, mas também, ao bem-estar, à confiança no cônjuge, ao grau de felicidade e ao compromisso com o futuro do relacionamento (Hernandez & Hutz, 2009). Tal como o esperado, grande parte da variabilidade total deste fator é predita pelo número de filhos. Este resultado é corroborado pelos autores Orbuch, House, Mero e Webster (1996), que sugerem um declínio, tal como o que encontramos, na associação entre a satisfação e a presença de filhos. Também Rios (2009) reitera um aumento da satisfação conjugal, oriunda da decisão de não ter filhos.

Então como explicar que, para o fator *satisfação* da ENRICH, a relação linear nos indique que a presença de filhos leva a *scores* mais elevados neste fator?

Contrariamente aquilo que eram as nossas expetativas quando iniciámos este estudo, realmente o número de filhos influencia o funcionamento conjugal, mas no sentido contrário ao que esperávamos.

Tentemos refletir sobre este dado. É importante percebermos que a subescala *satisfação* nos dá uma medida global da satisfação tendo em conta dez áreas da relação conjugal: características da personalidade, papéis de responsabilidade, comunicação, resolução de conflitos, finanças, gestão do

tempo livre, relação sexual, responsabilidades parentais, relações com família e amigos e orientação religiosa (Lourenço, 2006). Após a observação dos resultados da ANCOVA e do MRLM, percebemos que os resultados estatisticamente significativos, nomeadamente *aspectos de personalidade, atividades de lazer, filhos e casamento e orientação religiosa* podem ser também preditos pela existência de filhos. Estando estas características de funcionamento conjugal, medidas pelos fatores acima referidos, intimamente ligadas com a *satisfação* percebe-se o porquê desta tendência. De notar, que aquando da realização da ANCOVA, esta não evidenciou influência no fator da *satisfação*, no entanto o MRLM identificou uma relação linear positiva entre as variáveis *número de filhos em comum e satisfação*.

Socorramo-nos da comparação de algumas médias para tentar explicar este resultado. Baucom e Epstein (1990) verificaram a existência de correlações significativas entre satisfação conjugal e a expressividade dos cônjuges, segundo as quais, os casais satisfeitos expressam mais emoções desejos e necessidades (em Narciso & Ribeiro, 2009). Para o fator *comunicação*, embora o teste *t-Student* tenha indicado diferença entre os cônjuges sem filhos em relação aos cônjuges com um ou mais filhos (depois refutadas pela ANCOVA), a média para os cônjuges com filhos foi semelhante (Média= 37,70; D.P.= 7,509). Segundo Olson e Olson (2000), os casais mais felizes parecem ser aqueles capazes de comunicar acerca dos motivos de conflito (em Olson & DeFrain, 2003). Também Johnson e Booth (1998) referem que a comunicação é essencial para a resolução de conflitos. A não resolução de conflitos pode contribuir para a diminuição da intimidade do casal e aumentar os sentimentos negativos que conseqüentemente levam à insatisfação conjugal (1998, Lima, Alves & Cristina, 2010). Esta situação também se mantém preservada nas nossas subamostras, sendo a média exatamente igual para ambas (Média=32,76). Esta ideia contesta a nossa expectativa de que os níveis de resolução de conflitos seriam superiores nos cônjuges sem filhos, uma vez que nos estudos encontrados também os casais sem filhos valorizavam mais a comunicação.

Não podemos esquecer também a importância da *igualdade de papéis*, na qual os cônjuges com filhos atingiram resultados médios muito semelhantes aos cônjuges sem filhos (Média=41,01; D.P.=7,222). A falta de

divisão de tarefas é recorrentemente um dos fatores que leva à insatisfação conjugal (Narciso & Ribeiro, 2009, Relvas & Alarcão, 2007, Lourenço, 2006). Tal situação não parece suceder no nosso estudo. Há evidências de que cônjuges masculinos que se sintam insatisfeitos com seus casamentos terão menos probabilidade de se envolverem nos cuidados com os filhos (Dickie, 1987, em Hernandez & Hutz, 2009). Assumindo a igualdade de papéis, e admitindo a nossa intuitividade na leitura, inferimos que os sujeitos, da nossa subamostra, terão um papel igual na educação e cuidado dos filhos. Acreditamos que a ideia acima apresentada pode também justificar a presença de resultados superiores nos cônjuges com filhos, no que respeita à satisfação.

Tal como avançámos anteriormente, não podemos deixar de pensar na crise económica mundial, que acreditamos que pode influenciar a decisão de ter filhos. Rowe e Medeiros (2012) fundamentaram a nossa inferência. A preservação da percepção de uma boa *gestão financeira*, encontrada no nosso estudo em relação aos cônjuges com filhos (Média= 34,77; D.P.= 5,982) parece contribuir para um aumento da satisfação conjugal.

Optámos pela exploração destes dados pois, estando intimamente ligados à *satisfação*, parecem-nos capazes de justificar o fato de a existência de filhos predizer uma percepção da satisfação superior por parte dos cônjuges com filhos, na medida que nos parecem funcionar como fatores protetores.

Embora diversos estudos demonstrem que os filhos parecem afetar negativamente a interação e a satisfação conjugal, também defendem que à medida que estes vão crescendo, o efeito negativo na satisfação conjugal parece tornar-se mais ténue e convertendo-se num efeito positivo (Lindahl, Malik & Bradbury, 1997; Zuo, 1992, em Ribeiro, 2005). Embora não tenhamos controlado a idade dos filhos, é possível que a ideia apresentada anteriormente tenha influenciado estes resultados da *satisfação*. Na nossa subamostra de cônjuges com filhos temos 49 cônjuges com filhos com idade inferiores a 6 anos; 15 com idades entre os 6 e os 12 anos; e 15 com idades superiores a 13 anos.

Encontrámos também evidência que a existência de filhos parece exercer forte influência na estabilidade conjugal, dado que tendem a aumentar o compromisso (pessoal e/ou moral e/ou estrutural) conjugal e a

diminuir o risco de divórcio (Belsky, 1990; Glenn, 1990; Lindahl, Malik & Bradbury, 1997; Sanders, Nicholson, & Floyd, 1997, em Ribeiro, 2005).

Autores, como Ramu (1984), corroboram a ideia de que a satisfação conjugal nos pais não predispõe que os indivíduos decidam não ter filhos, embora concluam que os casais sem filhos voluntariamente apresentam maiores níveis de satisfação (Rios, 2007).

Também Deollos e Kapinus (2002) encontraram nas suas pesquisas variações em relação às conclusões de maior ou menor satisfação conjugal, por parte de casais sem filhos e com filhos, sendo diversas vezes contraditórios (Rios, 2007).

O que dizer relativamente aos *aspectos de personalidade*?

Também para a subescala *aspectos de personalidade*, obtivemos médias superiores para os cônjuges com filhos (Media=41,01; D.P.= 7,222).

Lourenço (2006) revela que não existem diferenças nesta subescala relativamente ao número de filhos. Recorrendo às estatísticas descritivas, percebemos que relativamente ao ciclo vital da família a maioria dos casais com filhos encontra-se na fase de filhos pequenos, com idades inferiores a 6 anos, mas a mesma autora revela que as diferenças relativamente aos *aspectos de personalidade* não são significativas.

Correndo o risco de fazer uma relação intuitiva e superficial, a existência de percepção de igualdade de papéis, por parte destes cônjuges com filhos, pode estar a contribuir para que estes avaliem e percecionem os comportamentos do parceiro com um maior grau de satisfação relativo aos mesmos. Lima, Alves e Cristina (2010) encontraram, nas suas pesquisas, dados que indicam que o egoísmo/falta de cooperação e a falta de apoio percebido pelos cônjuges são aspectos que surgem com uma frequência significativamente maior nos casais com filhos, do que nos casais sem filhos, como potenciadoras de dificuldades sérias no casamento. Parecendo estar esta dimensão protegida, na nossa amostra, uma vez que há uma boa percepção da igualdade de papéis, podemos inferir que estes cônjuges se ajudam mutuamente, aumentando desta forma a satisfação relativa aos seus aspectos de personalidade.

Parece importante, também para a conjugalidade, que os cônjuges percebam os parceiros como bons pais, e capazes de auxiliar os filhos

(Hernandez & Hutz, 2009). Neste caso parece que as características de personalidade são significativas para maiores níveis de satisfação e melhor funcionamento conjugal. Levy-Shiff (2004) verificou que quanto mais as mães e os pais forem capazes de brincar com os seus filhos e capazes de controlar seus impulsos, mais satisfeitos estarão com os seus casamentos (Hernandez & Hutz, 2009). Também Belsky e Rovine (1990) verificaram que quanto maior o envolvimento dos cônjuges do sexo masculino no cuidado com os filhos, maior seria o ajustamento conjugal das mulheres (Hernandez & Hutz, 2009).

E as atividades de lazer?

Como tivemos oportunidade de mencionar, na secção do enquadramento conceptual, não são muitos os estudos que nos indiquem relações existentes entre o número de atividades em conjunto por parte dos cônjuges e a existência de filhos.

Narciso (2001) revelou que a presença de filhos nos anos intermédios de casamento parece afetar o domínio da satisfação conjugal relativo às atividades de lazer, tendo sido identificada uma diminuição nas atividades de lazer exclusivas do casal devido à sobrecarga com as responsabilidades parentais e domésticas (em Benkovskaia, 2008). Também Lourenço (2006) encontrou diferenças estatisticamente significativas relativas ao fator atividades de lazer, nomeadamente entre casais sem filhos e casais com três ou mais filhos. Não tendo a variável número de filhos sido controlada, quanto à quantidade de filhos, não conseguimos perceber se este resultado para as atividades de lazer poderá representar uma nova leitura relativa à existência de um ou dois filhos. Pensamos que esta relação seria interessante de estudar.

Na ENRICH, os itens relacionados com as atividades de lazer, embora tenham como objetivo medir o número de atividades em conjunto por parte dos cônjuges, não diferencia a presença ou não de filhos. Afinal de contas, os cônjuges podem considerar que os seus parceiros podem ter momentos de lazer quando estão com os seus filhos. É comum vermos famílias inteiras irem de férias ou passear, e não existem estudos que nos indiquem que as atividades de lazer, embora em conjunto com os filhos, não possam ser percebidas pelos cônjuges como potenciadoras de maior

satisfação conjugal. Para além disso, inferimos ainda a possibilidade de este aumento nas atividades de lazer nos cônjuges com filhos se poder explicar por um processo de triangulação. Muitas vezes, a presença dos filhos permite que os cônjuges realizem mais tarefas em conjunto do que faziam anteriormente. Este tipo de triangulação, feita com uma criança, que à partida merece a atenção de ambos, não nos parece desajustada, uma vez que até potencia atividades em comum e que podem gerar uma maior satisfação conjugal.

Inversamente, algumas das variáveis que referimos poder estar na base da opção por não ter filhos, como o reconhecimento da mulher no mercado de trabalho (Maldonado, 1989, em Rios & Gomes, 2009) e os cônjuges investirem o seu tempo na carreira profissional, podem afastar mais os casais, não deixando espaço para que estes desenvolvam atividades em comum.

Por fim, refletimos sobre a superioridade dos valores obtidos, nos cônjuges com filhos, nos fatores *filhos e casamento* e *orientação religiosa*, na predição do comportamento dos mesmos.

Não são muitos os dados que justifiquem estes valores. Começamos pelos *filhos e casamento*. Tal superioridade era de esperar, uma vez que, a nossa amostra é constituída equitativamente quanto ao número de cônjuges com filhos e sem filhos, e parece obvio que os casais com filhos têm um ganho muito superior relativamente a este fator. Lourenço (2006) mostra ganhos relativamente aos casais que tem um filho, em comparação com os casais sem filhos. Acreditamos que os nossos sujeitos têm consciência do impacto que o número de filhos tem na relação conjugal, não interferindo este com os seus níveis de satisfação, como já referido anteriormente. Esta relação indica também que os cônjuges com um ou mais filhos parecem ter níveis de acordo semelhantes, em relação ao número de filhos. Isto levanta-nos uma questão importante.

Seria ou não relevante identificar se os cônjuges sem filhos o são por opção ou devido a outras situações, por exemplo infertilidade? Esta pode ser uma variável que condiciona os resultados. Esta mesma dúvida faz-nos pensar na necessidade de ter presente, e perceber, se os cônjuges sem filhos o são voluntariamente ou ainda consideram vir a ter filhos. Lembremo-nos também, atendendo ao momento de crise social e económica que no nosso

país está a atravessar, da existência de um “fosso” cada vez maior entre as classes baixa e alta, a que não podemos ficar alheios, pensando apenas numa única realidade para a população portuguesa.

A compreensão da predição dos comportamentos da *orientação religiosa*, por parte dos cônjuges com filhos, é muito mais intuitiva. Embora os resultados não se tenham revelado significativos no teste *Mann Whitney* ($p=0,57$), esta relação pode ser fundamentada a partir de alguns dados de frequência e das estatísticas descritivas. Vejamos, a maioria dos cônjuges com filhos é casada (66,7%) e assume ter e praticar a sua religião (33%). Por outro lado, os cônjuges sem filhos vivem maioritariamente em união de facto (56%) e assumem-se maioritariamente como crentes numa determinada religião, mas não praticantes (60,7%). Podemos deduzir que os cônjuges com filhos têm uma visão mais tradicional da religião e da importância que esta tem na relação conjugal. Sabemos que a religião desencoraja o uso de métodos contraceptivos e por outro lado passa a palavra de Deus, “crescei e multiplicai-vos uns aos outros”.

2. O que dizer da influência das variáveis concomitantes?

Começemos por refletir sobre a *etapa do ciclo vital do casal*. De notar que esta variável foi medida com base na duração da relação de casal. Esta variável, contrariamente ao esperado, assumiu valores preditivos, estatisticamente significativos, apenas para três fatores: *comunicação*, *filhos e casamento* e *idealização*. Relativamente à *idealização*, a relação esperada está de acordo com a literatura. Os *scores* da *idealização* tendem a diminuir com o aumento de anos da relação conjugal. Tal como defende Lourenço (2006), a fase da idealização, onde se observam relações de dependência e fusão, não ultrapassaria os três anos de relacionamento conjugal. Relativamente ao fator *filhos e casamento*, o decréscimo das pontuações associadas ao ciclo vital do casal é congruente com os estudos de Lourenço (2006). A autora indica que ao existir crise positiva seria na fase dos 11-19 anos. O fato dos sujeitos da nossa amostra se disporem principalmente nas fases de 0-3 anos (34,5%) e 4-10 anos (44%) parece justificar este resultado. A predição dos valores da *comunicação* tenderem a diminuir com o aumento dos anos de relação pode estar relacionada com a fase do “estremecimento”, 4-7 anos (32,7%), “terramoto”, entre os 8-10 anos (13,1%), na qual também

se encontram muitos dos nossos sujeitos. Nesta fase, “terramoto”, os casais tendem a afastar-se mais, é a fase do aborrecimento, do repensar da relação (Lourenço, 2006). Ponderando a existência de um afastamento por parte dos cônjuges é de esperar uma possível diminuição ao nível da perceção da existência de uma comunicação adequada, nomeadamente para a resolução de conflitos.

Admitimos que a preservação de todos os outros domínios, do funcionamento e ajustamento conjugal, podem estar relacionados com o facto de muitos cônjuges se situarem na fase da idealização e na fase do “estremecimento”. Os primeiros tendem a querer manter as ilusões sobre si mesmos e sobre o parceiro. Dados encontrados para a fase de “estremecimento” revelam esta fase como muito importante para a manutenção do ajustamento conjugal (Lourenço, 2006).

O nível de *habilitações literárias*, tal como prevíamos, revelou-se muito significativo para a predição dos comportamentos relativos à perceção de melhor ajustamento e funcionamento conjugal. Destaca-se o seu contributo relativo ao *consenso mútuo, comunicação, resolução de conflitos, gestão financeira, atividades e lazer, relações sexuais, e aspetos de personalidade*. Estes resultados vão ao encontro daquilo que Lourenço (2006) acredita ser um fator protetor das dinâmicas conjugais. A maioria dos cônjuges da nossa amostra têm habilitações de nível superior e secundário e, tal como esperado, o MRLM indicou uma relação linear entre o nível de habilitações literárias e os *scores* dos fatores referidos anteriormente. Quanto maior o nível de habilitações literárias maiores os *scores* obtidos nos fatores referidos.

O meio de residência não parece ter grande relevância para o nosso estudo. Tal variável obteve resultados significativos apenas na predição dos comportamentos da perceção da *satisfação conjugal* e *coesão mútua*, evidenciando que quanto mais fossem as características urbanas do meio de residência maior a pontuação obtida nestes fatores. De acordo com tais resultados está o estudo de Lourenço (2006), que indica que residir em meio predominantemente urbano pode contribuir para a preservação das dinâmicas conjugais. De referir que 56,5% dos sujeitos da amostra residem em meio predominantemente urbano.

3. Limitações do estudo

Começamos por salientar a consciência relativamente à impossibilidade de generalização destes dados para a população geral. No entanto, esta limitação não impediu que fossem feitas leituras compreensivas e interessantes relativamente ao contributo da existência ou não de filhos para a relação conjugal.

Embora esperada, a heterogeneidade em relação ao ciclo vital familiar, uma vez que metade da nossa amostra tinha de ser de “cônjuges sem filhos”, parece-nos que em relação à subamostra de cônjuges com filhos a presença de homogeneidade em relação às restantes etapas do ciclo vital familiar poderia ser interessante. Existindo essa homogeneidade, pensamos que o nosso estudo poderia ter chegado a conclusões mais ricas. Conseguiríamos observar, mais concretamente, em que fases do ciclo vital familiar a existência filhos poderia influenciar o ajustamento e funcionamento conjugal, em relação aos cônjuges sem filhos. Acreditamos que a homogeneidade em relação à etapa do ciclo vital do casal poderia, também, ter sido um benefício. Isto porque, seria mais fácil controlar a influência das fases do ciclo vital do casal, e perceber com maior rigor a influência dos filhos, no funcionamento e ajustamento conjugal. De notar, que, devido à estratégia de recolha de amostragem, tal não nos foi possível.

De referir ainda a importância, também defendida por Rios e Gomes (2009), de que em estudos posteriores seja possível perceber se os casais não têm filhos por opção, ou se as suas motivações, ou dificuldades, em relação a não ter filhos são de cariz involuntário. Parece-nos que este fator pode condicionar as nossas leituras e a própria percepção dos cônjuges relativamente ao seu funcionamento e ajustamento conjugal.

Finalmente, apontamos a pertinência de alargar estes estudos a casais sem filhos por opção, sem filhos involuntariamente (rastreamento a causa), e os que estão na expectativa de vir a ter um filho, uma vez que estas populações parecem estar a crescer no nosso país e tais investigações poderão ser de grande contributo para a intervenção psicológica. Para além disso, parece-nos interessante a futura realização destes estudos com casais, para que pudéssemos cruzar a informação de ambos os cônjuges de forma a

perceber o nível de divergência da percepção do ajustamento e funcionamento conjugal.

VI - Conclusões

A presente investigação foi conduzida no sentido de perceber se a condição presença de filhos, “*sem filhos*”, “*com um ou mais filhos*”, teria influência na percepção do funcionamento e ajustamento conjugal.

Contrariamente ao que esperávamos inicialmente, os valores encontrados não se revelaram significativos para a maioria dos fatores da EAM, inclusive o *ajustamento mútuo* (valor da escala global).

No que diz respeito à amostra do nosso estudo, destacamos o valor preditivo da *satisfação mútua*, medida pela EAM. Os dados indicam que a ausência de filhos promove uma melhor percepção dos cônjuges em relação à forma como lidam e percebem a tensão na relação conjugal, nomeadamente questões relativas à ponderação do divórcio, ao arrependimento com o casamento, mas também, ao bem-estar, à confiança no cônjuge, ao grau de felicidade e ao compromisso com o futuro do relacionamento (Hernandez & Hutz, 2009).

Relativamente aos fatores da ENRICH encontramos cinco fatores que poderiam ser preditos pela presença de filhos. No entanto, todos os resultados encontrados foram no sentido inverso ao da literatura, que assumia que os cônjuges sem filhos teriam maiores níveis de satisfação. Relativamente ao fator *aspetos de personalidade*, os resultados indicaram que a presença de filhos influencia positivamente a percepção relativa aos comportamentos do parceiro e ao seu grau de satisfação com os mesmos. Tal situação acontece também relativamente ao fator *atividades de lazer*: os cônjuges com filhos parecem mais satisfeitos relativamente à quantidade de tempo e atividades que passam juntos. Adiantamos que este resultado pode ter ido no sentido contrário ao da literatura porque uma das razões para os casais não terem filhos é a vontade de se dedicarem à vida profissional (Rios & Gomes, 2009). Esta situação pode contribuir para os resultados mais baixos dos cônjuges sem filhos.

Tal como era nossa expectativa, o fator *filhos e casamento* é predito de forma muito significativa pela existência de filhos. Os cônjuges com filhos parecem ter um grande ganho com a existência de filhos, não sendo estes

percebidos como um fator que leve à insatisfação conjugal. Este resultado fez-nos levantar a hipótese de existirem casais, sem filhos, em que os cônjuges não estão de acordo quando à opção de não ter filhos. Esta hipótese surgiu de forma muito intuitiva e não a aprofundámos, embora tenhamos refletido sobre a pertinência de rastrear se os casais sem filhos o eram voluntariamente.

A presença de cônjuges com filhos surgiu também como preditor da *orientação religiosa*. Tal situação não parece estranha. Isto porque a maioria dos cônjuges com filhos tem afiliação a uma religião, e grande parte é praticante. Parece que estes cônjuges casados aceitam as ideias mais tradicionais da sua religião (Lourenço, 2006).

Contrariando a maior parte da literatura encontrada, o fator relativo à *satisfação* é predito pela existência de filhos. Se ao início tal nos causou alguma surpresa, atendendo que a *satisfação* é uma medida que engloba quase todos os fatores medidos pela ENRICH (Lourenço, 2006), durante a discussão percebemos que este resultado seria lógico, uma vez que, para além da *satisfação*, quatro dos fatores da ENRICH eram preditos pelos cônjuges com filhos, e todos os outros mantinham médias muito semelhantes entre cônjuges com e sem filhos.

Antecipando que a etapa do ciclo vital do casal e o nível de habilitações literárias fossem uma possível variável moderadora, decidimos inclui-las no MRLM. Dessa análise percebemos que o ciclo vital do casal era uma variável preditora dos fatores *comunicação, filhos e casamento e idealização*. Refletimos ainda sobre a possibilidade de a nossa amostra se concentrar essencialmente nas fases de “idealização” e “estremecimento”. Tais dados parecem contribuir para a proteção da percepção de funcionamento e ajustamento conjugal. A maior distribuição de sujeitos pelos níveis de ensino superior e secundário parece ter contribuído, de forma significativa, como fator protetor. Esta variável revela valor preditor para os fatores *consenso mútuo, comunicação, resolução de conflitos, gestão financeira, atividades e lazer, relações sexuais, e aspetos de personalidade*.

Parece-nos que esta investigação pode trazer contributos para a prática terapêutica, consciencializando-nos da necessidade de perceber qual a influência que os filhos podem ter na relação conjugal. Este estudo abre-nos a porta para a necessidade de explorar, em terapia, se a inexistência de filhos

poderá ser um fator de insatisfação conjugal. E, por outro lado, perceber se a presença dos filhos não será muitas vezes uma forma de triangulação positiva da relação conjugal, contribuindo dessa forma para a sua satisfação.

Concluimos com um ditado bem português: “Quem tem filhos tem cadilhos. Quem não os tem, cadilhos tem”.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2006). *(Des) Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. (3a ed.) Coimbra: Quarteto Editora.
- Bali, A., Dhingra, R., & Baru, A. (2010). Marital Adjustment of Childless Couples. *Journal of Social Sciences*, 24 (1), 73-76.
- Benkovskaia, I. V. (2008). *Satisfação Conjugal, Afectividade e Proximidade ao Cônjuge – Diferenças entre Casais com Filhos e sem Filhos ao Longo dos anos de Relação*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa, Portugal.
- Caillé, P. (1994). *Um e um são três: O casal que se auto-revela*. São Paulo: Summus.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças do Ciclo de Vida Familiar*. (2a ed) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dew, G. (2009). Has the Marital Time Cost of Parenting Changed Over Time? *Social Forces*, 88 (2), 519–542.
- Feeney, J., Noller, P., & Ward, C. (1997). Marital Satisfaction and spousal interaction. In R. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in Close Relationships*, 160-189. New York: The Guilford Press.
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics Using Spss*. (2a.ed.). Londres: Sage Publications.
- Forgas, J. P. (1985). *Interpersonal Behavior – The psychology of social interaction*. Nova Iorque: Pergamon Press.
- Fortunato, R. C. (2009). *Ecos da Idade, Sexo e Nível Sócio-Económico em Dimensões da Conjugalidade: Satisfação, Vinculação/Afectividade e Proximidade*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa, Portugal.
- Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a Psiquiatria*. Porto: Edições Afrontamento.
- Hernandez, J. A. E., & Hutz, C. S. (2009). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40 (4), pp. 414-421.
- Kristin, P. (2002). Stigma management among the voluntarily childless. *Sociological Perspective*, 45 (1).
- Kurdeck, L. (1993). Predicting marital dissolution: a 5-year prospective longitudinal study of newlywed couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64 (2), 221-242. Retirado de <http://ovidsp.tx.ovid.com/sp-3.5.1a/ovidweb.cgi?WebLinkFrameset=1&S=CGIJFPGOCHDDAKBHNCALBDOBKPHPAA00&returnUrl=ovidweb.cgi%3f%26%26S%3dCGIJFPGOCHDDAKBHNCALBDOBKPHPAA00&directlink=http%3a%2f%2fgraphics.tx.ovid.com%2fovftpdfs%2fFPDDNCOBBDBHCH00%2ffs018%2fovft%2flive%2fgv005%2f00005205%2f>

- 00005205-199302000-00006.pdf&filename=Predicting+Marital+Dissolution%3a+A+5-Year+Prospective+Longitudinal+Study+of+Newlywed+Couples.&navigation_links=NavLinks.S.sh.16.2&link_from=S.sh.16%7c2&pdf_key=B&pdf_index=S.sh.16 em 13 de Março de 2012.
- Lima, R. A., Alves, B., & Cristina, I. (2010). As particularidades da (in) satisfação conjugal antes e depois da chegada dos filhos. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 30 (79), 424-439.
- Lourenço, M. (2006). *Casal: Conjugalidade e Ciclo Evolutivo*. Dissertação de Doutoramento (Não Publicada), Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística – Com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Narciso, I., & Ribeiro, M.T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais – a complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pordata, [Base de dados Portugal Contemporâneo]. (2012). Famílias Clássicas: Total e por tipo de família. Retirado a 11 de Março de 2012 em <http://www.pordata.pt/Portugal/Familias+classicas+total+e+por+tipo+de+familia-19>.
- Orbuch, T. L., House, J. S., Mero, R. P., & Webster, P. S. (1996). Marital Quality Over the Life Course. *Social Psychology Quarterly*, 59 (2), 162-171. Retirado de <http://search.proquest.com/docview/212787538/13570EB97A6A9CADE4/2?accountid=43959>, em 13 de Março de 2012.
- Olson, D. H., & DeFrain, J. (2003). *Marriages and Families: Intimacy, Diversity, and Strengths*. (4th ed). Nova Iorque: McGraw-Hill
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2007). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Relvas, A. P. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: perspectiva sistémica In I. Soares (coord.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in) adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Relvas, A.P. (1996). *O Ciclo Vital da Família*. Perspectiva Sistémica. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M. T. M. L. S. R. (2005). Casais de meia-idade: Estudos com casais portugueses numa perspectiva sistémica. *Psicologia*, 19 (1-2), pp. 57-85. Retirado de http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492005000100004&lng=pt&nrm=iso, em 26 de Junho de 2012.
- Rios, M. G., (2007). *Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT*. Tese de Mestrado em Psicologia,

- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Rios, M., & Gomes, I. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, 26 (2), 215-225.
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009b). Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. *Psicologia em Estudo*, 14 (2), 311-319.
- Rowe, J. F., & M, L. G. (2010). *Casamento contemporâneo: A escolha dos casais em não ter filhos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Acadêmica do Curso de Psicologia, São Miguel do Oeste, Brasil.
- Silva, M. H., & Relvas, A. P. (2007). Casal, casamento e união de facto. In: A. P. Relvas & M. Alarcão (org.), *Novas formas de família*. Coimbra: Editora Quarteto, p.189-244.
- Sousa, B. V. (2010). *História da Vida Privada em Portugal: Idade Média*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Whisman, M. A. (1997). Satisfaction in close relationships: Challenges for the 21st century. In J. Sternberg e M. Hojjat (eds.), *Satisfaction in close relationships*. Nova Iorque: The Guilford Press.



UC/FPCE_2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Cônjuges com e sem filhos. Diferenças e semelhanças na perceção da conjugalidade.

Ângela Maria Marques Lourenço
(e-mail: lourenco_angela07@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia na Área de Especialização em Psicologia Clínica e Saúde, Subárea de Especialização em Sistémica, Saúde e Família sob a orientação da Professora Doutora Madalena de Carvalho

ANEXOS

Índice

Anexo I – Protocolo	4
1. Consentimento Informado	5
2. Questionário de dados Sociodemográficos e de Dados Complementares	6
3. Escala de Ajustamento Mútuo – EAM	7
4. Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade – ENRICH	8
Anexo II – Estudo de Comparabilidade das Subamostras	9
Anexo III – Características Psicométricas dos Instrumentos	9
1. Escala de Ajustamento Mútuo (escala global)	9
2. ENRICH (escala global)	11
Anexo IV – Normalidade	15
1. Escala de Ajustamento Mútuo (escala global)	15
2. ENRICH (escala Global)	15
Anexo V – Homogeneidade	17
1. Escala de Ajustamento Mútuo (escala global)	17
2. ENRICH (escala Global)	18
Anexo VI – Resultados: VD: Ajustamento Conjugal (EAM); VI: número de filhos em comum	20
1. ANCOVA (VI: número de filhos em comum; Variáveis moderadoras: número de filhos em comum, etapa do ciclo vital do casal, meio de residência e habilitações literárias)	20
Anexo VII – Resultados: VD: Funcionamento Conjugal (ENRICH); VI: número de filhos em comum	24
1. ANCOVA (VI: número de filhos em comum; Variáveis moderadoras: número de filhos em comum, etapa do ciclo vital do casal, meio de residência e habilitações literárias)	24
Anexo VIII – Modelo de Regressão Linear Múltipla – Fatores EAM	31

	3
1. Satisfação Mútua	31
Anexo IX – Pressupostos MRLM – satisfação mútua	32
1. Normalidade	32
2. Homogeneidade	32
3. Multicolinearidade	33
4. Linearidade	33
Anexo X – Modelo de Regressão Linear Múltipla – Fatores ENRICH	34
1. Aspetos de Personalidade	34
2. Atividades de Lazer	34
3. Filhos e Casamento	35
4. Orientação Religiosa	36
5. Satisfação	37
Anexo XI – Pressupostos MRLM – Fatores ENRICH	38
1. Aspetos de Personalidade	38
2. Atividades de Lazer	39
3. Filhos e Casamento	40
4. Orientação Religiosa	41
5. Satisfação	42

Anexo I – Protocolo

1. Consentimento Informado

1. Questionário de dados Sociodemográficos e Dados Complementares

2. Escala de Ajustamento Mútuo – EAM

3. Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade – ENRICH

1. Consentimento Informado

2. Questionário de dados Sociodemográficos e de Dados Complementares

3. Escala de Ajustamento Mútuo - EAM

4. Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade - ENRICH

Anexo II – Estudo de Comparabilidade das Subamostras

Variáveis	Teste T Para amostras Independentes		
	t value	df	Sig. (two tailed)
Número de Relações Anteriores	0,444	166	0,658

Variáveis	Qui-Square		
	value	df	Sig.
Meio de Residência	11,768	2	0,000
Duração da Relação em Categorias	22,475	4	0,006
Idade em Categorias	0,025	3	0,999
Estado Civil	8,695	1	0,003
Etapa Ciclo Vital do Casal	26,434	3	0,000
Etapa Ciclo Vital da Família	166	4	0,000
Sexo	0,216	1	0,378
Habilitações Literárias	21,792	6	0,001
Situação Profissional	1,720	3	0,633

Anexo III – Características Psicométricas dos Instrumentos

1. Escala de Ajustamento Mútuo (escala global)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	151	89,9
	Excluded ^a	17	10,1
	Total	168	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,903	,912	32

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eam1	114,70	200,291	,623	,601	,897
eam2	114,88	205,332	,503	,515	,899
eam3	114,87	206,591	,284	,300	,904
eam4	114,58	201,871	,667	,667	,897
eam5	114,54	207,130	,425	,425	,900
eam6	114,60	203,521	,527	,529	,898
eam7	114,69	203,016	,540	,565	,898
eam8	114,74	205,489	,459	,521	,900
eam9	114,66	205,958	,432	,352	,900
eam10	114,58	200,831	,664	,628	,896
eam11	114,76	204,196	,524	,535	,899
eam12	114,40	206,321	,542	,500	,899
eam13	115,03	203,866	,350	,381	,902
eam14	114,86	201,667	,642	,648	,897
eam15	114,61	203,413	,584	,599	,898
eam16	114,26	204,060	,580	,668	,898
eam17	113,98	210,086	,409	,430	,901
eam18	115,19	203,659	,308	,312	,904
eam19	114,74	204,260	,330	,330	,903
eam20	114,09	203,053	,595	,521	,898
eam21	114,99	208,287	,400	,606	,900
eam22	115,15	204,979	,425	,638	,900
eam23	114,99	205,360	,554	,546	,898

eam24	115,95	208,191	,365	,347	,901
eam25	115,11	201,781	,488	,501	,899
eam26	114,08	206,180	,493	,545	,899
eam27	114,40	205,708	,433	,465	,900
eam28	115,32	204,074	,303	,481	,904
eam29	118,01	214,233	,248	,323	,902
eam30	117,77	214,753	,324	,338	,902
eam31	114,53	198,477	,637	,569	,896
eam32	115,07	209,236	,380	,339	,901

2. ENRICH (escala Global)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	146	86,9
	Excluded ^a	22	13,1
	Total	168	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,944	,946	109

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
enrich1	404,77	2167,514	,303	.	,944
enrich2	404,58	2169,335	,282	.	,944
enrich3	405,95	2194,474	-,002	.	,945
enrich4	405,29	2155,216	,365	.	,944
enrich5	405,29	2152,775	,336	.	,944
enrich6	405,00	2137,338	,451	.	,943
enrich7	404,96	2136,481	,516	.	,943
enrich8	404,65	2150,684	,444	.	,943
enrich9	405,53	2148,099	,377	.	,944
enrich10	406,26	2199,725	-,050	.	,945
enrich11	404,08	2172,724	,301	.	,944
enrich12	405,28	2135,059	,482	.	,943
enrich13	404,53	2144,996	,528	.	,943
enrich14	404,74	2186,125	,086	.	,944
enrich15	405,34	2143,135	,405	.	,943
enrich16	405,05	2141,094	,470	.	,943
enrich17	405,45	2162,925	,236	.	,944
enrich18	404,40	2159,746	,518	.	,943
enrich19	404,92	2161,118	,346	.	,944
enrich20	405,01	2161,924	,395	.	,944
enrich21	405,87	2184,045	,105	.	,944
enrich22	404,58	2186,922	,082	.	,944
enrich23	406,12	2153,309	,313	.	,944
enrich24	405,64	2136,355	,416	.	,943
enrich25	404,65	2148,256	,492	.	,943
enrich26	405,23	2172,387	,211	.	,944
enrich27	405,42	2147,583	,400	.	,943
enrich28	404,07	2181,347	,187	.	,944
enrich29	404,62	2148,859	,391	.	,943
enrich30	404,65	2124,960	,630	.	,943
enrich31	404,97	2177,572	,177	.	,944
enrich32	404,83	2147,384	,584	.	,943
enrich33	404,84	2174,216	,245	.	,944
enrich34	404,71	2147,875	,581	.	,943
enrich35	405,07	2126,354	,610	.	,943
enrich36	404,77	2159,583	,393	.	,944
enrich37	404,98	2179,938	,140	.	,944

enrich38	404,87	2128,928	,578	,943
enrich39	404,49	2161,631	,410	,943
enrich40	404,88	2151,855	,531	,943
enrich41	404,78	2157,496	,332	,944
enrich42	404,73	2134,766	,578	,943
enrich43	405,15	2159,536	,289	,944
enrich44	406,18	2190,106	,035	,945
enrich45	405,12	2141,971	,410	,943
enrich46	404,83	2138,060	,490	,943
enrich47	404,90	2155,210	,374	,944
enrich48	404,77	2175,100	,184	,944
enrich49	405,43	2175,281	,146	,944
enrich50	404,92	2139,717	,473	,943
enrich51	405,01	2152,165	,422	,943
enrich52	404,79	2122,348	,641	,943
enrich53	404,60	2180,532	,127	,944
enrich54	404,86	2143,264	,429	,943
enrich55	404,51	2166,900	,278	,944
enrich56	404,99	2172,365	,232	,944
enrich57	404,88	2145,723	,437	,943
enrich58	404,93	2162,878	,256	,944
enrich59	404,53	2159,396	,409	,943
enrich60	406,38	2139,479	,498	,943
enrich61	404,75	2155,018	,484	,943
enrich62	406,47	2207,106	-,117	,945
enrich63	405,68	2147,390	,377	,944
enrich64	405,42	2159,322	,314	,944
enrich65	404,70	2157,729	,331	,944
enrich66	405,00	2115,628	,662	,942
enrich67	405,39	2112,709	,598	,943
enrich68	405,79	2145,351	,382	,944
enrich69	404,53	2135,782	,596	,943
enrich70	406,58	2191,543	,023	,945
enrich71	404,41	2158,395	,354	,944
enrich72	406,68	2189,461	,043	,945
enrich73	404,40	2160,380	,356	,944
enrich74	404,91	2157,378	,286	,944
enrich75	404,53	2132,154	,621	,943
enrich76	404,52	2179,217	,143	,944
enrich77	405,21	2139,392	,453	,943
enrich78	404,63	2146,786	,564	,943

enrich79	404,71	2153,489	,480	.	,943
enrich80	404,83	2179,826	,145	.	,944
enrich81	404,59	2150,547	,426	.	,943
enrich82	404,84	2169,435	,257	.	,944
enrich83	404,94	2157,093	,399	.	,943
enrich84	405,90	2188,479	,049	.	,945
enrich85	405,20	2153,126	,332	.	,944
enrich86	404,60	2153,193	,504	.	,943
enrich87	404,62	2147,740	,453	.	,943
enrich88	404,47	2147,065	,460	.	,943
enrich89	405,45	2168,069	,261	.	,944
enrich90	405,26	2128,828	,546	.	,943
enrich91	404,86	2135,705	,573	.	,943
enrich92	404,36	2149,391	,505	.	,943
enrich93	404,71	2135,834	,558	.	,943
enrich94	404,48	2136,113	,586	.	,943
enrich95	404,83	2171,053	,229	.	,944
enrich96	404,79	2159,010	,314	.	,944
enrich97	404,91	2159,089	,350	.	,944
enrich98	405,25	2175,859	,194	.	,944
enrich99	406,59	2200,423	-,054	.	,945
enrich100	405,15	2165,053	,248	.	,944
enrich101	405,35	2130,353	,524	.	,943
enrich102	404,34	2184,514	,126	.	,944
enrich103	404,70	2147,288	,527	.	,943
enrich104	404,60	2143,098	,501	.	,943
enrich105	404,92	2136,691	,468	.	,943
enrich106	405,13	2162,748	,302	.	,944
enrich107	405,28	2169,376	,253	.	,944
enrich108	404,95	2153,053	,457	.	,943
enrich109	404,72	2136,231	,562	.	,943

Anexo IV – Normalidade

1. Escala de Ajustamento Mútuo (escala global)

Teste de Normalidade para EAM e seus fatores segundo o número de filhos

número filhos comum		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
cons	sem filhos	,083	83	,200*	,980	83	,217
mútuo	1 ou + filhos	,120	82	,005	,879	82	,000
satisf	sem filhos	,105	83	,025	,939	83	,001
mútua	1 ou + filhos	,248	82	,000	,691	82	,000
coes	sem filhos	,135	83	,001	,963	83	,018
mútua	1 ou + filhos	,138	82	,001	,918	82	,000
expre	sem filhos	,203	83	,000	,893	83	,000
afect	1 ou + filhos	,199	82	,000	,904	82	,000
ajust	sem filhos	,097	83	,052	,975	83	,102
mútuo	1 ou + filhos	,201	82	,000	,744	82	,000

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

2. ENRICH (escala Global)

Teste de Normalidade para ENRICH e seus fatores segundo o número de filhos

número filhos comum		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
asp_person	sem filhos	,058	84	,200*	,982	84	,291
	1 ou + filhos	,077	82	,200*	,964	82	,021
comunic	sem filhos	,140	84	,000	,961	84	,011
	1 ou + filhos	,085	82	,200*	,965	82	,025

reso_conf	sem filhos	,084	84	,200*	,986	84	,492
	1 ou + filhos	,130	82	,001	,954	82	,005
gest_fin	sem filhos	,136	84	,001	,959	84	,010
	1 ou + filhos	,089	82	,163	,964	82	,020
act_lazer	sem filhos	,101	84	,034	,984	84	,372
	1 ou + filhos	,117	82	,007	,966	82	,030
rel_sex	sem filhos	,093	84	,071	,971	84	,056
	1 ou + filhos	,101	82	,037	,948	82	,002
filho_casam	sem filhos	,215	84	,000	,860	84	,000
	1 ou + filhos	,113	82	,011	,921	82	,000
fam_amig	sem filhos	,084	84	,200*	,970	84	,050
	1 ou + filhos	,125	82	,003	,962	82	,017
igual_pap	sem filhos	,124	84	,003	,926	84	,000
	1 ou + filhos	,117	82	,007	,904	82	,000
orient_relig	sem filhos	,083	84	,200*	,985	84	,450
	1 ou + filhos	,121	82	,005	,964	82	,021
idealiz	sem filhos	,132	84	,001	,946	84	,001
	1 ou + filhos	,175	82	,000	,932	82	,000
satisf	sem filhos	,081	84	,200*	,969	84	,041
	1 ou + filhos	,149	82	,000	,927	82	,000

a. Lilliefors Significance Correction

*. This is a lower bound of the true significance.

Anexo V – Homogeneidade

1. Escala de Ajustamento Mútuo (escala global)

Teste de Homogeneidade para EAM e seus fatores segundo o número de filhos

Test of Homogeneity of Variance					
		Levene			
		Statistic	df1	df2	Sig.
cons mútuo	Based on Mean	3,552	1	163	,061
	Based on Median	3,184	1	163	,076
	Based on Median and with adjusted df	3,184	1	133,082	,077
	Based on trimmed mean	3,215	1	163	,075
satisf mútua	Based on Mean	3,507	1	163	,063
	Based on Median	2,713	1	163	,101
	Based on Median and with adjusted df	2,713	1	108,347	,102
	Based on trimmed mean	2,706	1	163	,102
coes mútua	Based on Mean	2,851	1	163	,093
	Based on Median	2,387	1	163	,124
	Based on Median and with adjusted df	2,387	1	143,145	,125
	Based on trimmed mean	2,745	1	163	,099
expre afect	Based on Mean	1,992	1	163	,160
	Based on Median	,874	1	163	,351
	Based on Median and with adjusted df	,874	1	156,107	,351
	Based on trimmed mean	1,756	1	163	,187
ajust mútuo	Based on Mean	3,271	1	163	,072
	Based on Median	1,971	1	163	,162
	Based on Median and with adjusted df	1,971	1	115,019	,163
	Based on trimmed mean	2,382	1	163	,125

mean				
------	--	--	--	--

2. ENRICH (escala Global)

Teste de Homogeneidade para ENRICH e seus fatores segundo o número de filhos

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
asp_person	Based on Mean	,176	1	164	,675
	Based on Median	,164	1	164	,686
	Based on Median and with adjusted df	,164	1	157,157	,686
	Based on trimmed mean	,164	1	164	,686
comunic	Based on Mean	1,979	1	164	,161
	Based on Median	1,712	1	164	,193
	Based on Median and with adjusted df	1,712	1	144,260	,193
	Based on trimmed mean	1,883	1	164	,172
reso_conf	Based on Mean	,489	1	164	,486
	Based on Median	,344	1	164	,559
	Based on Median and with adjusted df	,344	1	147,874	,559
	Based on trimmed mean	,424	1	164	,516
gest_fin	Based on Mean	,061	1	164	,805
	Based on Median	,163	1	164	,687
	Based on Median and with adjusted df	,163	1	162,283	,687
	Based on trimmed mean	,083	1	164	,773
act_lazer	Based on Mean	,070	1	164	,792
	Based on Median	,021	1	164	,886

	Based on Median and with adjusted df	,021	1	163,615	,886
	Based on trimmed mean	,057	1	164	,811
rel_sex	Based on Mean	1,984	1	164	,161
	Based on Median	1,675	1	164	,197
	Based on Median and with adjusted df	1,675	1	152,492	,198
	Based on trimmed mean	1,705	1	164	,193
filho_casam	Based on Mean	,102	1	164	,750
	Based on Median	,042	1	164	,838
	Based on Median and with adjusted df	,042	1	151,031	,838
	Based on trimmed mean	,031	1	164	,860
fam_amig	Based on Mean	1,970	1	164	,162
	Based on Median	1,263	1	164	,263
	Based on Median and with adjusted df	1,263	1	158,712	,263
	Based on trimmed mean	1,884	1	164	,172
igual_pap	Based on Mean	1,046	1	164	,308
	Based on Median	,883	1	164	,349
	Based on Median and with adjusted df	,883	1	159,003	,349
	Based on trimmed mean	,960	1	164	,329
orient_relig	Based on Mean	7,160	1	164	,008
	Based on Median	6,620	1	164	,011
	Based on Median and with adjusted df	6,620	1	143,851	,011
	Based on trimmed mean	6,988	1	164	,009
idealiz	Based on Mean	6,632	1	164	,011
	Based on Median	5,004	1	164	,027
	Based on Median and with adjusted df	5,004	1	141,333	,027
	Based on trimmed mean	6,194	1	164	,014

satisf	Based on Mean	6,620	1	164	,011
	Based on Median	4,830	1	164	,029
	Based on Median and with adjusted df	4,830	1	141,027	,030
	Based on trimmed mean	5,748	1	164	,018

Anexo VI – Resultados: VD: Ajustamento Conjugal (EAM); VI: número de filhos em comum

1. ANCOVA (VI: número de filhos em comum; Variáveis moderadoras: número de filhos em comum, etapa do ciclo vital do casal, meio de residência e habilitações literárias)

1.1. VD: ajustamento mútuo (escala global)

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: ajust mútuo

F	df1	df2	Sig.
1,995	1	157	,160

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: ajust mútuo

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	2141,099 ^a	4	535,275	2,608	,038	,063
Intercept	79161,164	1	79161,164	385,648	,000	,715
nr_filhos	240,207	1	240,207	1,170	,281	,008
meio	361,341	1	361,341	1,760	,187	,011
dr_rel_cvc	67,176	1	67,176	,327	,568	,002
habil_lit	438,197	1	438,197	2,135	,146	,014
Error	31611,278	154	205,268			
Total	2291067,000	159				

Corrected						
Total	33752,377	158				

a. R Squared = ,063 (Adjusted R Squared = ,039)

1.2. VD: **consenso mútuo**

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: cons mútuo

F	df1	df2	Sig.
2,388	1	158	,124

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: cons mútuo

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	438,495 ^a	4	109,624	1,883	,116	,046
Intercept	15460,394	1	15460,394	265,557	,000	,631
nr_filhos	28,336	1	28,336	,487	,486	,003
meio	24,623	1	24,623	,423	,516	,003
dr_rel_cvc	26,493	1	26,493	,455	,501	,003
habil_lit	320,588	1	320,588	5,507	,020	,034
Error	9023,905	155	58,219			
Total	447946,000	160				
Corrected Total	9462,400	159				

a. R Squared = ,046 (Adjusted R Squared = ,022)

1.3. VD: **satisfação mútua**

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: satisf mútua

F	df1	df2	Sig.
1,682	1	159	,197

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: satisf mútua

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	367,284 ^a	4	91,821	3,374	,011	,080
Intercept	8823,809	1	8823,809	324,203	,000	,675
nr_filhos	122,525	1	122,525	4,502	,035	,028
meio	41,543	1	41,543	1,526	,219	,010
dr_rel_cvc	5,576	1	5,576	,205	,651	,001
habil_lit	32,975	1	32,975	1,212	,273	,008
Error	4245,847	156	27,217			
Total	259978,000	161				
Corrected Total	4613,130	160				

a. R Squared = ,080 (Adjusted R Squared = ,056)

1.4. VD: coesão mútua

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: coes mútua

F	df1	df2	Sig.
2,039	1	158	,155

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: coes mútua

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	92,090 ^a	4	23,022	1,882	,116	,046
Intercept	1603,802	1	1603,802	131,130	,000	,458
nr_filhos	1,310	1	1,310	,107	,744	,001
meio	55,760	1	55,760	4,559	,034	,029
dr_rel_cvc	,139	1	,139	,011	,915	,000
habil_lit	6,482	1	6,482	,530	,468	,003
Error	1895,754	155	12,231			
Total	56563,000	160				

Corrected						
Total	1987,844	159				

a. R Squared = ,046 (Adjusted R Squared = ,022)

1.5. VD: expressão afetiva

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: expre afect

F	df1	df2	Sig.
1,137	1	158	,288

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: expre afect

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	17,962 ^a	4	4,490	1,461	,217	,036
Intercept	582,412	1	582,412	189,499	,000	,550
nr_filhos	5,366	1	5,366	1,746	,188	,011
meio	,097	1	,097	,031	,859	,000
dr_rel_cvc	2,794	1	2,794	,909	,342	,006
habil_lit	1,528	1	1,528	,497	,482	,003
Error	476,382	155	3,073			
Total	15607,000	160				
Corrected Total	494,344	159				

a. R Squared = ,036 (Adjusted R Squared = ,011)

Anexo VII – Resultados: VD: Funcionamento Conjugal (ENRICH); VI: número de filhos em comum

1.ANCOVA (VI: número de filhos em comum; Variáveis moderadoras: número de filhos em comum, etapa do ciclo vital do casal, meio de residência e habilitações literárias)

1.1. VD: aspetos de personalidade

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: asp_person

F	df1	df2	Sig.
,008	1	159	,930

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: asp_person

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	563,889 ^a	4	140,972	2,766	,029	,066
Intercept	9763,661	1	9763,661	191,605	,000	,551
nr_filhos	206,161	1	206,161	4,046	,046	,025
meio	13,326	1	13,326	,262	,610	,002
dr_rel_cvc	110,335	1	110,335	2,165	,143	,014
habil_lit	354,924	1	354,924	6,965	,009	,043
Error	7949,316	156	50,957			
Total	215947,000	161				
Corrected Total	8513,205	160				

a. R Squared = ,066 (Adjusted R Squared = ,042)

1.2. VD: comunicação

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: comunic

F	df1	df2	Sig.
,191	1	159	,663

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: comunic

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	737,836 ^a	4	184,459	4,666	,001	,107
Intercept	10273,956	1	10273,956	259,874	,000	,625
nr_filhos	2,385	1	2,385	,060	,806	,000
meio	36,744	1	36,744	,929	,337	,006
dr_rel_cvc	253,244	1	253,244	6,406	,012	,039
habil_lit	170,461	1	170,461	4,312	,039	,027
Error	6167,369	156	39,534			
Total	253114,000	161				
Corrected Total	6905,205	160				

a. R Squared = ,107 (Adjusted R Squared = ,084)

1.3. VD: resolução de conflitos

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: reso_conf

F	df1	df2	Sig.
,033	1	159	,855

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: reso_conf

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	379,278 ^a	4	94,819	3,372	,011	,080
Intercept	6554,514	1	6554,514	233,124	,000	,599
nr_filhos	34,760	1	34,760	1,236	,268	,008
meio	30,511	1	30,511	1,085	,299	,007
dr_rel_cvc	,901	1	,901	,032	,858	,000
habil_lit	254,697	1	254,697	9,059	,003	,055
Error	4386,101	156	28,116			
Total	18075,000	161				
Corrected Total	4765,379	160				

a. R Squared = ,080 (Adjusted R Squared = ,056)

1.4. VD: gestão financeira

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: gest_fin

F	df1	df2	Sig.
,091	1	158	,764

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: gest_fin

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	253,068 ^a	4	63,267	1,998	,098	,049
Intercept	7055,274	1	7055,274	222,794	,000	,590
nr_filhos	13,429	1	13,429	,424	,516	,003
meio	36,564	1	36,564	1,155	,284	,007
dr_rel_cvc	,935	1	,935	,030	,864	,000
habil_lit	154,586	1	154,586	4,882	,029	,031

Error	4908,432	155	31,667			
Total	205384,000	160				
Corrected						
Total	5161,500	159				

a. R Squared = ,049 (Adjusted R Squared = ,024)

1.5. VD: atividades de lazer

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: act_lazer

F	df1	df2	Sig.
,009	1	159	,924

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: act_lazer

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	296,035 ^a	4	74,009	3,049	,019	,073
Intercept	6892,425	1	6892,425	283,916	,000	,645
nr_filhos	107,798	1	107,798	4,440	,037	,028
meio	18,576	1	18,576	,765	,383	,005
dr_rel_cvc	37,716	1	37,716	1,554	,214	,010
habil_lit	127,171	1	127,171	5,239	,023	,032
Error	3787,095	156	24,276			
Total	181265,000	161				
Corrected Total	4083,130	160				

a. R Squared = ,073 (Adjusted R Squared = ,049)

1.6. VD: relações sexuais

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: rel_sex

F	df1	df2	Sig.
2,010	1	159	,158

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: rel_sex

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	622,522 ^a	4	155,630	3,907	,005	,091
Intercept	9481,371	1	9481,371	238,050	,000	,604
nr_filhos	,676	1	,676	,017	,897	,000
meio	82,164	1	82,164	2,063	,153	,013
dr_rel_cvc	106,648	1	106,648	2,678	,104	,017
habil_lit	169,222	1	169,222	4,249	,041	,027
Error	6213,367	156	39,829			
Total	255947,000	161				
Corrected Total	6835,888	160				

a. R Squared = ,091 (Adjusted R Squared = ,068)

1.7. VD: filhos e casamento

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: filho_casam

F	df1	df2	Sig.
,197	1	159	,658

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: filho_casam

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	2932,073 ^a	4	733,018	19,162	,000	,329
Intercept	7515,106	1	7515,106	196,450	,000	,557
nr_filhos	2627,746	1	2627,746	68,691	,000	,306
meio	20,874	1	20,874	,546	,461	,003
dr_rel_cvc	216,677	1	216,677	5,664	,019	,035
habil_lit	38,711	1	38,711	1,012	,316	,006
Error	5967,703	156	38,255			
Total	183833,000	161				

Corrected						
Total	8899,776	160				

a. R Squared = ,329 (Adjusted R Squared = ,312)

1.8. VD: família e amigos

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: fam_amig

F	df1	df2	Sig.
,591	1	158	,443

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: fam_amig

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	209,988 ^a	4	52,497	1,669	,160	,041
Intercept	6694,195	1	6694,195	212,763	,000	,579
nr_filhos	69,853	1	69,853	2,220	,138	,014
meio	29,183	1	29,183	,928	,337	,006
dr_rel_cvc	22,741	1	22,741	,723	,397	,005
habil_lit	64,981	1	64,981	2,065	,153	,013
Error	4876,787	155	31,463			
Total	192366,000	160				
Corrected Total	5086,775	159				

a. R Squared = ,041 (Adjusted R Squared = ,017)

1.9. VD: igualdade de papéis

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

Dependent Variable: igual_pap

F	df1	df2	Sig.
,061	1	158	,805

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: igual_pap

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	159,046 ^a	4	39,761	1,140	,340	,029
Intercept	10231,226	1	10231,226	293,318	,000	,654
nr_filhos	,118	1	,118	,003	,954	,000
meio	30,370	1	30,370	,871	,352	,006
dr_rel_cvc	50,938	1	50,938	1,460	,229	,009
habil_lit	8,833	1	8,833	,253	,616	,002
Error	5406,554	155	34,881			
Total	288478,000	160				
Corrected Total	5565,600	159				

a. R Squared = ,029 (Adjusted R Squared = ,004)

Anexo VIII – Modelo de Regressão Linear Múltipla – Fatores EAM¹

1. Satisfação Mútua

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,282 ^a	,080	,056	5,217

ANOVA^a

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Regression	367,284	4	91,821	3,374	,011 ^b
1 Residual	4245,847	156	27,217		
Total	4613,130	160			

Coefficients^a

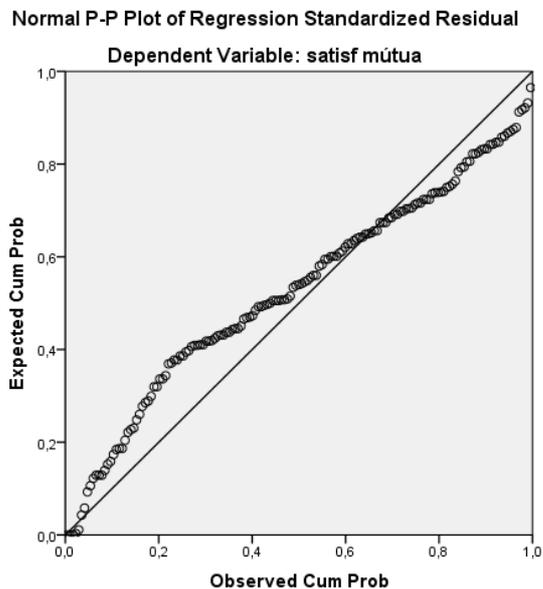
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
(Constant)	40,363	2,158		18,703	,000
1 número filhos comum	-1,899	,895	-,177	-2,122	,035
dr rel cvc	-,254	,562	-,039	-,453	,651
meio	,689	,558	,105	1,235	,219
habil lit	-,274	,249	-,089	-1,101	,273

a. Dependent Variable: satisf mútua

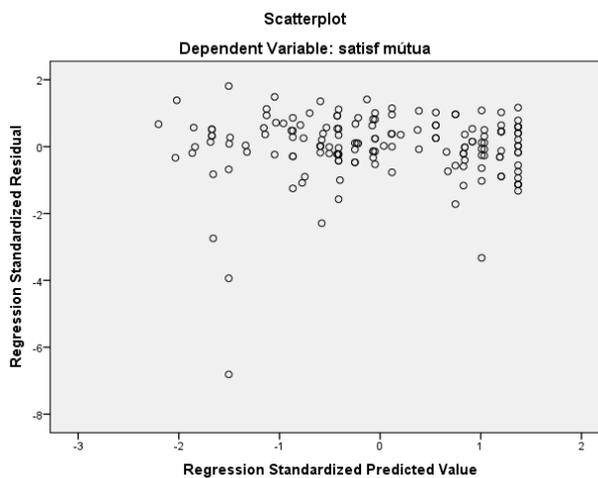
¹ Serão apresentados apenas os dados estatisticamente significativos do MRLM.

Anexo IX – Pressupostos MRLM – satisfação mútua

1. Normalidade



2. Homogeneidade



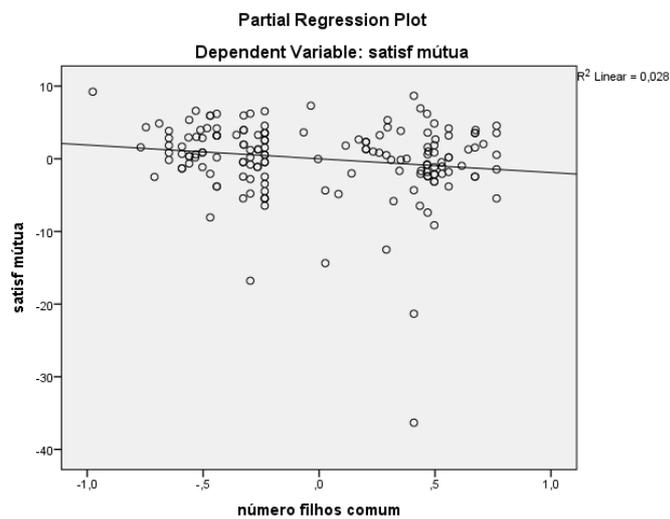
3. Multicolinearidade

Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
(Constant)	40,363	2,158		18,703	,000		
número filhos	-1,899	,895	-,177	-2,122	,035	,845	1,184
1 comum							
dr rel cvc	-,254	,562	-,039	-,453	,651	,784	1,275
meio	,689	,558	,105	1,235	,219	,814	1,229
habil lit	-,274	,249	-,089	-1,101	,273	,894	1,118

a. Dependent Variable: satisf mútua

4. Linearidade



Anexo X – Modelo de Regressão Linear Múltipla – Fatores ENRICH²

1. Aspetos personalidade

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,257 ^a	,066	,042	7,138

ANOVA^b

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	563,889	4	140,972	2,766	,029 ^a
Residual	7949,316	156	50,957		
Total	8513,205	160			

Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
1 (Constant)	40,228	2,953		13,623	,000
número filhos comum	2,463	1,224	,169	2,011	,046
habil lit	-,900	,341	-,216	-2,639	,009
meio	-,390	,764	-,044	-,511	,610
dr rel cvc	-1,131	,769	-,129	-1,471	,143

2. Atividades de lazer

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,269 ^a	,073	,049	4,927

² Serão apresentados apenas os dados estatisticamente significativos do MRLM.

ANOVA^b

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	296,035	4	74,009	3,049	,019 ^a
Residual	3787,095	156	24,276		
Total	4083,130	160			

Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
1 (Constant)	33,944	2,038		16,654	,000
número filhos comum	1,781	,845	,177	2,107	,037
habil lit	-,539	,235	-,187	-2,289	,023
meio	,461	,527	,075	,875	,383
dr rel cvc	-,661	,530	-,109	-1,246	,214

3. Filhos e casamento

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,574 ^a	,329	,312	6,185

ANOVA^b

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	2932,073	4	733,018	19,162	,000 ^a
Residual	5967,703	156	38,255		
Total	8899,776	160			

Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
1 (Constant)	31,977	2,559		12,498	,000
número filhos comum	8,793	1,061	,591	8,288	,000
habil lit	,297	,296	,070	1,006	,316
meio	-,489	,662	-,054	-,739	,461
dr rel cvc	-1,585	,666	-,176	-2,380	,019

4. Orientação religiosa

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,197 ^a	,039	,014	6,681

ANOVA^a

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Regression	278,122	4	69,530	1,558	,188 ^b
1 Residual	6919,478	155	44,642		
Total	7197,600	159			

Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
(Constant)	25,629	2,819		9,092	,000
1 número filhos comum	2,774	1,148	,207	2,417	,017
dr rel cvc	-,728	,719	-,090	-1,013	,313

meio	-,312	,724	-,038	-,430	,668
habil lit	-,210	,336	-,053	-,625	,533

5. Satisfação

Model Summary^b

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,309 ^a	,095	,072	5,528

ANOVA^a

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Regression	502,020	4	125,505	4,107	,003 ^b
1 Residual	4766,924	156	30,557		
Total	5268,944	160			

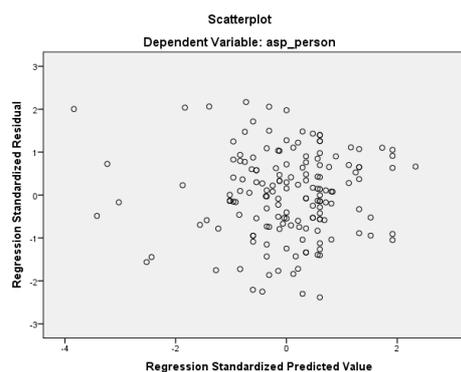
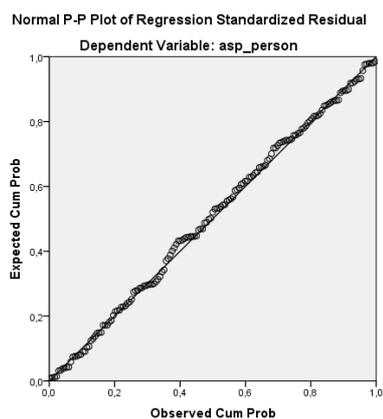
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
(Constant)	39,482	2,287		17,266	,000
número filhos comum	2,128	,948	,186	2,245	,026
1 dr rel cvc	-1,142	,595	-,165	-1,919	,057
meio	1,233	,591	,176	2,086	,039
habil lit	-,319	,264	-,097	-1,206	,230

Anexo XI – Pressupostos MRLM – Fatores ENRICH.

1. Aspetos personalidade

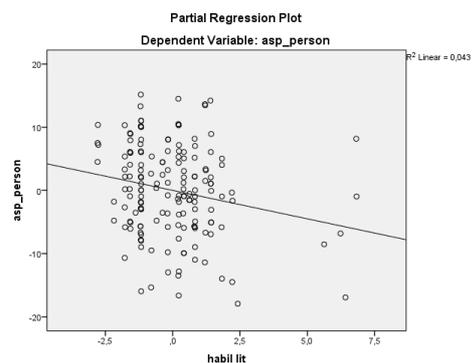
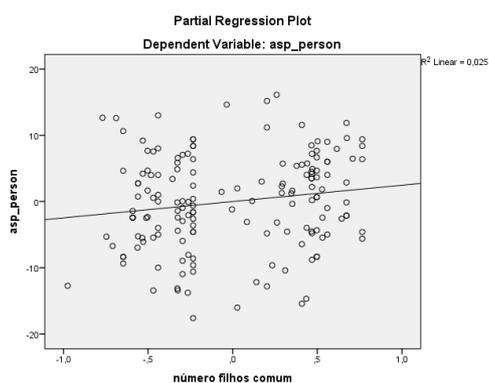
1.1. Normalidade, Homogeneidade, Multicolinearidade e Linearidade³



Coefficients^a

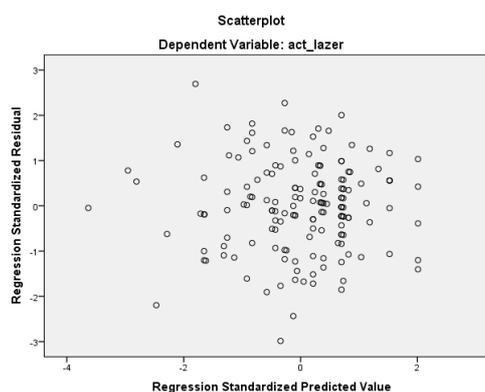
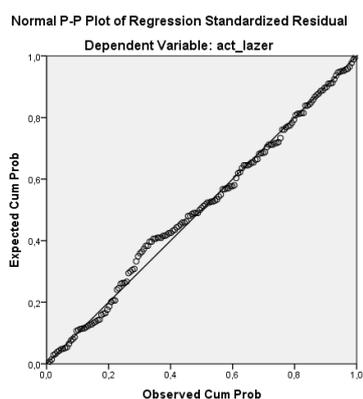
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
(Constant)	40,228	2,953		13,623	,000		
número 1 filhos comum	2,463	1,224	,169	2,011	,046	,845	1,184
dr rel cvc	-1,131	,769	-,129	-1,471	,143	,784	1,275
habil lit	-,900	,341	-,216	-2,639	,009	,894	1,118
meio	-,390	,764	-,044	-,511	,610	,814	1,229

^{3, 4} Para compreender a leitura feita da linearidade das habilitações literárias, é importante ter presente a codificação que foi utilizada na base de dados: 1= “ensino superior”; 2= “ensino médio”; 3= “12º ano”; 4= “9º ano”; 5= “6º ano”; 6 = “4ª classe”; 7= “menos que 4ª classe” ; 8= “analfabeto”; 9= “ainda não terminou”.



2. Atividades de lazer

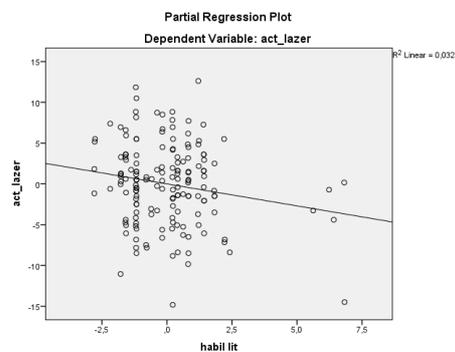
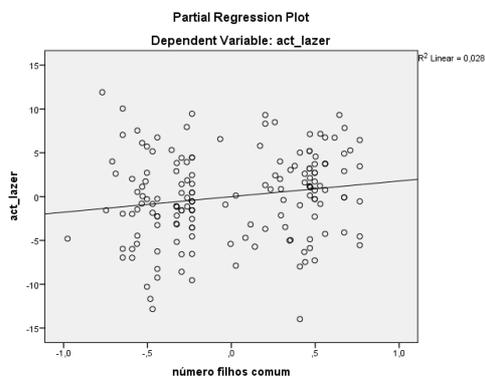
2.1. Normalidade, Homogeneidade, Multicolinearidade e Linearidade⁴



Coefficients^a

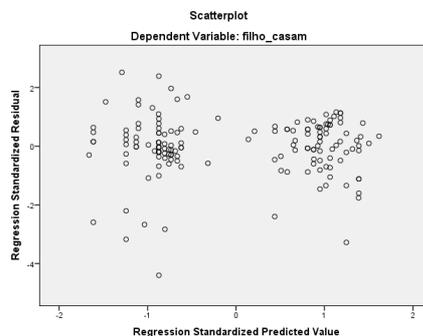
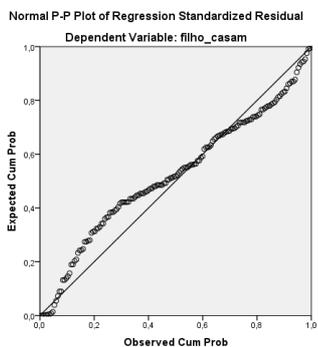
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
(Constant)	33,944	2,038		16,654	,000		
1 número filhos comum	1,781	,845	,177	2,107	,037	,845	1,184
dr rel cvc	-,661	,530	-,109	-1,246	,214	,784	1,275
meio	,461	,527	,075	,875	,383	,814	1,229

habil lit	-,539	,235	-,187	-2,289	,023	,894	1,118
-----------	-------	------	-------	--------	------	------	-------



3. Filhos e casamento

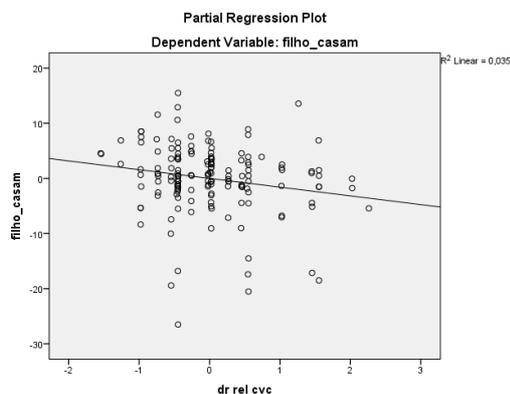
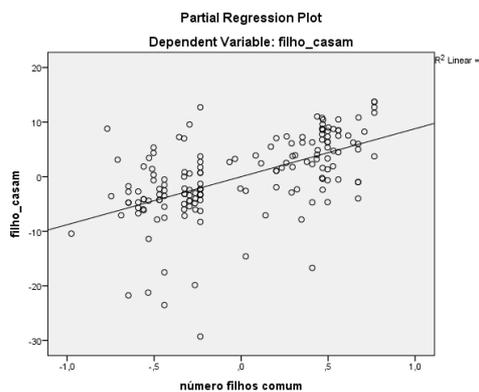
3.1. Normalidade, Homogeneidade, Multicolinearidade e Linearidade



Coefficients^a

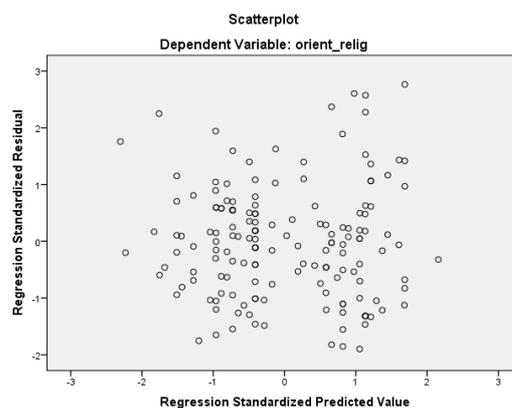
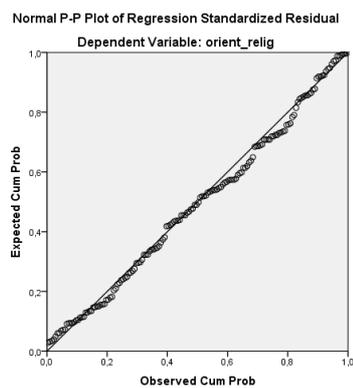
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error				Beta	Tolerance
(Constant)	31,977	2,559		12,498	,000		
1 número filhos comum	8,793	1,061	,591	8,288	,000	,845	1,184

dr rel cvc	-1,585	,666		-,176	-2,380	,019		,784	1,275
habil lit	,297	,296		,070	1,006	,316		,894	1,118
meio	-,489	,662		-,054	-,739	,461		,814	1,229



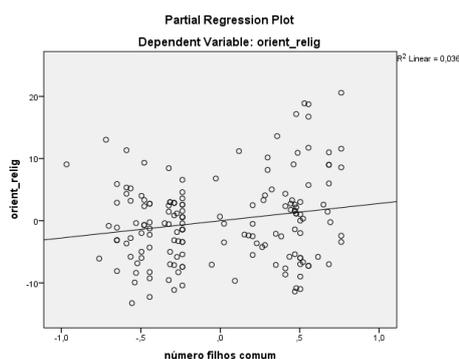
4. Orientação religiosa

4.1. Normalidade, Homogeneidade, Multicolinearidade e Linearidade



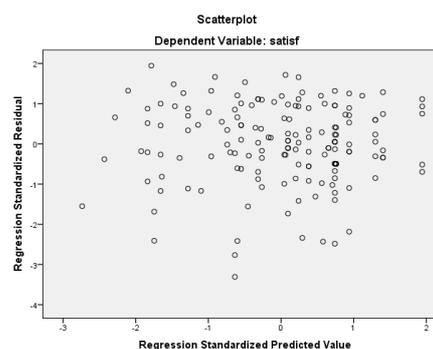
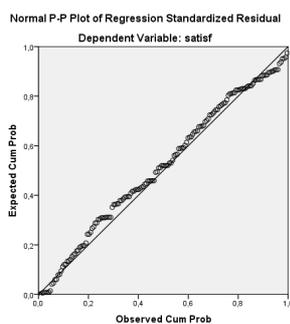
Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
(Constant)	25,629	2,819		9,092	,000		
número filhos comum	2,774	1,148	,207	2,417	,017	,848	1,180
dr rel cvc	-,728	,719	-,090	1,013	,313	,785	1,275
meio	-,312	,724	-,038	-,430	,668	,795	1,257
habil lit	-,210	,336	-,053	-,625	,533	,879	1,137



5. Satisfação

5.1. Normalidade, Homogeneidade, Multicolinearidade e Linearidade



Cônjuges com e sem filhos. Diferenças e semelhanças na percepção da conjugalidade.
Ângela Maria Marques Lourenço (e-mail: lourenco_angela07@hotmail.com) 2012

Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
(Constant)	39,482	2,287		17,266	,000		
1 número filhos comum	2,128	,948	,186	2,245	,026	,845	1,184
dr rel cvc	-1,142	,595	-,165	-1,919	,057	,784	1,275
meio	1,233	,591	,176	2,086	,039	,814	1,229
habil lit	-,319	,264	-,097	-1,206	,230	,894	1,118

